

Ósmia, ou a Lusitana

TRAGÉDIA

de Manuel de Figueiredo

DISCURSO

Confesso que, apesar daquela indiferença com que cerrei o Discurso que precede a minha comédia intitulada o Fatuinho, desafogo e confiança em que perseverei, animando-me a escrever sete, superior a toda a preocupação, a todos os prudentes motivos que deveriam fazer-me recear das miúdas e delicadas críticas que lança de si o bom gosto com que hoje cultivamos as Belas Letras, teve um grande desconto aquele alvoroço de que se encheu o coração quando, bem por acaso, achei contra a seguida tradição dos nossos escritores, na inviolada Ósmia, o assunto mais próprio para uma tragédia portuguesa. De nenhuma se desvanece esta Nação; critica as antigas e não lê as modernas.

Que vaidoso, ou que impudente, se não intimidara? fundando-se por estes, ainda que raros, mas sucessivos e confiantes factos, a opinião de que o nosso idioma (tão próprio para todos os mais poemas, como eles têm mostrado, e confirmam as obras métricas que aparecem cada dia) tinha repugnância invencível para semelhante composição: pois nem a imaginação, nem o génio faltou em tempo algum aos cisnes do decantado Tejo, Douro e Lima, que hoje disputam o conhecimento da Arte ao Lácio e ao Pireu.

Esta alma portuguesa, tão apaixonada pelo espírito da Nação, como pela força e brandura da língua; nem se intimidou com os funestos exemplos, nem teve por inconcussa a opinião; tão longe porém de persuadir-se de que a minha tragédia firmará a contrária, que tento mostrar que em franca e péssima linguagem se pode sustentar a tragédia, melhor que outro algum poema: a frase das paixões não tem o seu sublime na pureza, na arte ou na energia da dicção. A nenhuma nação colérica, briosa e sensível qual é a portuguesa pode faltar a verdadeira expressão do ânimo arrebatado, compadecido e furioso.

Isto e o vasto campo que me dava o assunto para fazer luzir as ideias que a natureza e a lição me obrigam a conceber dos excessos, que distinguem o carácter da Nação, ou daquela irritada virtude que o constitui, me instigaram a principiá-la: deleita-se o ânimo e a pena corre de vontade, como em cousa própria. Talhe a cegueira, que não choro o tempo em que escrevi, e pode agradecer-me, conhecendo-lhe tais defeitos, como são:

Faltar-lhe o interesse digno da majestade do poema; serem as régias, os átrios e as praças, a tenda de uma escrava; as personagens inferiores à nobreza da tragédia; os episódios atrevidos em uma história tão sabida; a sentença trivial; a moralidade, a que não podia deixar de tirar-se do assunto; o estilo, ora guindado, ora baixo e ora lírio, e digam que quase sempre declamatório; os versos de quem não é conhecido por outros; a frase do que ainda lê português, para restaurar o estrago que fez na sua língua, a demora de seis anos em um país cujo idioma é o mais prejudicial ao idiotismo da nossa; os contágios universais de ler

mais francês que português; de não poder escutá-lo sem dar um ouvido ao arcaísmo e outro ao barbarismo; rompo a cena enfim por um enigma e fecho-a ensanguentando o teatro. Que crimes! E agrada-me?

Bastam estas monstruosidades para fazerem a tragédia, talvez indigna até deste nome aos olhos do conhecedor: O mais indulgente não as saberia perdoar, nem ao que escrevesse para matar a fome. Caia embora a crítica sobre o estilo difuso, porque me explico no drama; mas saiba-se também que não foi desmazelo, foi sim gosto. Leio Freire, mas decoro Sousa. A minha memória é tão fraca, tão débil na verdade, que me lembrará talvez o que cuido que me ocorre; mas sem esta dúvida conservei muitas cousas que me vieram primeiro à imaginação, lidas algum dia nos nossos bons Portugueses, Latinos, Espanhóis, Italianos, e talvez Franceses; não por imitar os melhores poetas, não por julgar que dava com eles algum merecimento à minha fábula (ser-lhe-ia preciso não ter nenhum), mas por serem as melhores que achei para o caso. Conheço os furtos que envergonham os poetas; são os que se permitem por direito a todos os mais, os que nascem da indigência. Sirvo-me do capote do meu amigo com desembaraço, que vê que posso cobrir-me com os meus: não é traje para luzir.

Protesto com aquela ingenuidade em que sempre me fio, que nestes últimos tempos tenho lido versos em alguns poemas, a que os meus ouvidos não sabem achar harmonia, não podendo os gorgomilos por estreitos engolir ou tragar as figuras precisas, não para os fazer cadentes, mas para eu não deixar de chamar-lhes versos (seus autores acharão talvez duros a alguns dos que se encontram nos poemas dos nossos mestres). Ao mesmo passo, que tirando-lhe uma ou mais sílabas, ficavam constantes. Isto é uma satisfação aos errados que se acharem na mesma tragédia, pois sempre tive para mim que estes de que falo o não estavam.

Não só para aquela correção, que não deixa de ser a mais precisa, pois já hoje todos ali chegam, não estamos no tempo de Horácio. A qualquer surdo fere a falta de harmonia; qualquer toupeira é lince, e cada um deseja molhar a sua sopa e mete a unha que tem. Mas para a das mais partes essenciais de tão delicado poema, necessitaria eu de mostrá-lo a um Quintílio e demorá-lo na minha mão; vê-lo e revê-lo com todas as precauções que diz Horácio, e são indispensáveis; mas o conceito que eu faço dele, como mostro pelos defeitos que lhe noto, e pelos que não digo, não merece um tal desvelo. Se o desenho não é correcto, se a acção é defeituosa, não é perder o tempo que se gasta no polimento e ornato da figura?

E que homem prudente e amigo sincero (que custaria a achar) por mais desinteressado que fosse, pondo os olhos na preocupação dos maus poetas, e lembrando-se de tantos exemplos da sua animosidade; dando ouvidos ao conselho de outros filósofos que decidiram esta questão, deixará de lisonjear, e não de criticar um poeta da minha esfera, dizendo um daqueles graciosa e prudentíssimamente, que o único partido que terá o desgraçado censor, que não pode escusar-se de pegar na obra, será o de fechá-la, como se tivesse dentro um áspide, e acompanhada de grandes elogios, restitui-la intacta a seu autor, passados alguns dias?

O público é juiz e o crítico severo. Não só aos pintores mostrava Apeles as suas obras. Gabar rocins, ouço eu de costume a bons curiosos de cavalos. Toda a pessoa é remissa a fazer a abstracção de si, nem as sátiras, nem as injúrias o conseguem; porém ao que conhece, que a verdadeira glória é o ser benquistado, e que sempre trabalhou, e com alguma fortuna por alcançá-la, são em assuntos literários aqueles únicos estímulos, o que obriga às mais judiciosas reflexões, de que é capaz este indivíduo a que chamamos Homem: e nunca pode haver receio de

que o amor próprio o deixe sujeitar à opinião do ignorante, e sim muita esperança de que se aproveite dos bons reparos, que quase sempre vêm misturados nelas, e luzem como o ouro, ainda que envolto em grande porção de terrenas e desprezíveis matérias que se arrojam.

Este é o sistema de Gerardo na minha comédia dos Fastos de Amor e Amizade, e o em que me fiei para corrigir os meus dramas, que nem a uma só pessoa quis ler. Se o agrado do público, a crítica dos sábios, a óptica do teatro aos olhos de seu autor os fizerem dignos da minha verdadeira afeição, os reimprimirei e os farei luzir com alheios polimentos, e com todo o cabedal que houver no pequeno tesouro da minha capacidade; se não, enjeitá-los-ei com barbas e rir-me-ei de mim, como já principio a fazer, pela tal qual lisonja com que os leio.

Se o acaso fazer que eu me encontre em algum daqueles lugares de que fio o crédito e reputação da minha tragédia, com outro algum, ou idêntico, ou semelhante de qualquer autor dos que as compuseram, será a minha maior glória: tão sossegada tenho a consciência nesta parte; e já conheço por experiência o gosto que causam estes inesperados acontecimentos, pois a quatro deste mês li em casa de Mr. Reycend na Poética de Mr. Voltaire, que comprei, se não tudo, uma grande parte do que disse quase um ano antes, no Discurso que precede a minha primeira comédia Escola da Mocidade, e poucos meses depois no da Apologia das Damas, sem encontrar vestígios em algum outro dos que escreveram do teatro: eu não li todos.

Aqueles que não estiverem obrigados a crer-me, cotejem os lugares, e logo saberão da dúvida; assim porque as cópias são sempre mais tímidas que os originais, como porque os meus fundamentos prescindem daqueles motivos, porque o mesmo célebre poeta deixou de falar em algumas cousas, paleou muitas, e apenas em embrião quis mostrar-nos outras. Confrontem por exemplo o monólogo, e verão se acaso o não tem por indigno do bom drama; e a razão, por que tocando uma e outra vez nele, quis, e se não atreveu a dizer, que uma das maiores inverosimilhanças dos peiores teatros, é a única que se conserva nos bons.

Muito violentei a minha modéstia para apontar este lugar; vejam, se quiserem, os mais que têm relações com os dos mesmos Discursos, e alguns dos outros que precedem os meus dramas. Já me envergonho de falar neles, pois uma só vez o não faço sem lembrar-me do Sopico, quando entre vivos e agudos epigramas, refere as sensaborias do Reverendíssimo P. Mestre o Senhor Fr. José seu tio.

Lisboa, 31 de Outubro de 1773.

ARGUMENTO

A lusitana Ósmia, com quem a natureza largamente repartira dos bens da alma e do corpo, foi pretendida por esposa de alguns Lusitanos da primeira nobreza. Aconteceu-lhe neste caso o que é ordinário, ser sacrificada ao interesse, e entregue ao mais rico. Algum tempo depois de casada, um mancebo romano a fez prisioneira de guerra juntamente com seu marido. ferido o Romano de sua rara formosura, se namorou dela perdidamente; mas a presença nobre e grande gravidade de Ósmia, a sua modéstia e sobretudo o temor de lhe causar desprazer, o continham no silêncio. Porém, crescendo cada vez mais a paixão e condescendendo unicamente com ela, fala enfim e descobre o seu amor. Ósmia o despreza e com seu rigor o reduz a desesperação; mas continua todavia em suspirar e os seus suspiros fazem finalmente algum abalo em Ósmia. Aproveita-se ele deste momento e lhe arranca a confissão de que é amado. Esta confissão o enche da mais viva alegria e faz imaginar ter conseguido uma completa felicidade. Ósmia, pelo contrário, tornando a si daquele desacordo agradável que causa ordinariamente uma paixão, quando nasce, se entrega às mais funestas reflexões: envergonhada de sua fraqueza, fez dela mesma um crime ao seu amante, e a si acusa de amar um Romano, um inimigo capital da sua pátria. Procura recobrar toda a sua virtude e lembrar-se da lei do decoro; porém tem o coração todo ocupado do amante. Neste estado, ora arrebatada do seu amor, ora reduzida pela razão, hesita, inclina-se a um e a outro partido, sem saber qual deles tomasse. O esposo percebe nela este violento desassossego e lhe pergunta qual é a causa dele. Ósmia perturba-se; e tendo para si que tudo dá nela a entender a sua secreta paixão, julga que a deve confessar a seu marido, exortando a que a tire, se lhe é possível, das mãos do seu inimigo, para salvar a sua honra e virtude. O Lusitano ordena a sua mulher que avise o amante para lhe falar de noite em um lugar apazado e aí o mate às punhaladas. Enche-se Ósmia de horror com esta proposta, e vendo-se na triste necessidade de perder, ou o Romano, ou a estimação e conceito de seu marido, se entrega a lágrimas e desesperação. Seu amante, que ignora a causa disto, usa de tudo quanto o amor mais terno pode inventar para consolá-la; mas cousa nenhuma é poderosa a dissipar sua profunda tristeza. Crê ele que é aborrecido e oferece a Ósmia a liberdade, a fim de a livrar de ter presente um objecto que lhe é odioso. Fez isto nela uma notável impressão; mas não se atreve todavia a descobrir-lhe a causa verdadeira das suas lágrimas. Finalmente, vencida da dor, toma um punhal e mata-se.

Verbis ibi.

PESSOAS DO DRAMA

ÓSMIA	Lusitana, escrava de
LÍVIO	Oficial romano
ERECINA	Lusitana, escrava de
FÁBIO	Oficial romano
MINURO ¹	Lusitano, escravo
TÂNTALO ²	Lusitano, escravo
RAGÚCIO	Marido de Ósmia
Dous soldados romanos	Pessoas mudas
Uma guarda ou patrulha	

A cena se figura em um arraial dos Romanos no Carmena.

¹ Foi um dos três que, comprados pelos Romanos, assassinaram o grande Viriato.

² Foi general, ou capitão dos Lusitanos, depois da morte de Viriato.

Ósmia, ou a Lusitana

TRAGÉDIA

ACTO PRIMEIRO

CENA I

Habitação de Ósmia. Tenda de campanha, forrada de peles de animais e sejam ferinos.

ÓSMIA E MINURO

ÓSMIA

Eu!, rendida aos afectos de um Romano!³

MINURO

Não te perturbes, Ósmia, nem o negues;
O teu semblante e o dele dão indícios
Tão fiéis da paixão que as almas une,
Que intentas desmenti-la inutilmente.

ÓSMIA

Só se os Deuses, Minuro, como à filha
De Minos desgraçada, à infeliz Ósmia
Pretendem abrasar involuntária
O coração fiel!

MINURO

Aquele horror
Que te fez rejeitar a mão de Lívio,
Nesses fatal instante em que te falava
Da de teus inimigos, se tornou
Em moleza e carícias: a tristeza
Que se lia nos olhos do Romano
Desaparece e neles só reluzem
Os alvoroços da ávida esperança.
Lembrem-te esses sagrados juramentos
Que deste contra Roma: Não ofendes
O sacro rito...

³ *Negando com ar de compreendida.*

ÓSMIA

Como não ofendo?
Pois a fé conjugal?...

MINURO

Ragúcio é morto.

ÓSMIA

Ah!, por isso, Minuro, a injusta Vénus
De longe magoada e ressentida,
Como a fé dos mortais contaminou
Contra a Pátria inocente, contra Ósmia
Subornar queria as Divindades.

MINURO

Culpa a tua fraqueza, temerária!
E não os imortais.

ÓSMIA

Ósmia: fraqueza!
Os mesmos imortais inutilmente
Abrasar queriam, respirando
O venerado esposo, o coração
Fiel, se não amante, da consorte
Que Diana defende.

MINURO

Respirava
O prófugo Teseu e a casta esposa,
De que já te lembraste em ódio dela
Se viu por outra Deusa...

ÓSMIA

Ah, Vénus, Vénus!
Vénus inexorável, se inda vingas
Nos brandos corações das infelices
Matronas lusitanas esse crime
Expiado por tantas, tantas vezes.
Se tocam nossas praias teus validos
NO funesto baixel da mole Chipre.⁴
Se Maherbal, se as Leis, as Leis da Guerra

⁴ Vid. Pol. Mor. e Civ. Tom. IV. pág. 44.

Aprazaram, confiscam inimigos
Da soberba Cartago e lhes não valem
No calor da peleja os respeitáveis
Ídolos tutelares, nem as mesmas
Tuas santas imagens; antes duro
As cadeias lançava ímpio e cego
À mesmo mão devota que os arvora,
Que deles faz escudo, a quantos via
Com elas abraçados: Não erige
A teu filho depois sumptuoso templo
E não compensa o dano que lhes causa
O sacrílego Tírio a Lusitânia?
Não lhes dá liberdade e facilita
Habitar nossos campos? não te invoca,
Não fumam teus altares? Ou sensível
Às lágrimas de Tântalo pretendes
Na abominável chama vingar essa,
Que em menos preço teu soube apagar
A minha filial, santa obediência?
Para não abrandaste o coração
Do despótico pai, cru, avarento,
Que de Tântalo em vez me deu Ragúcio!
Ah, como to pedi! porém em vão.
Assim a triste Fedra, a quem tu mesma
Conhecias, chamavas inocente,
Se cansou de implorar: em vão dedica
Soberbo santuário a tuas iras:
Ah, Vénus implacável, não me engana
A tua lisonjeira, mansa cólera:
Nem perdoas, nem poupas torpe, insana,
As inocentes vítimas; só sangue,
Só sangue te sacia.

MINURO

Enfim, modera
Os remorsos cruéis, menos fatal
É já tua cegueira: Não ofendes
O sacro rito, és livre: agonizando
Vi no campo de Galba, não te aflijas,
Vítima da traição, da tirania
Teu defunto marido: balbuciante,
Mas inda a voz errante lhe fiava,
Em golfadas de negro sangue envolta,
Os últimos suspiros, pios, dignos
De uma alma lusitana; ainda podia
Articular constante o doce nome
Com que expira na boca: ó Pátria! Ó Ósmia!

ÓSMIA

E possível será! Ó Ósmia! Ó Pátria!
Que os mesmos olhos, Céus, que não puderam
Suportar a execranda horrível cena,
Voltando assombrados, como o Sol
Da mesa de Tiestes, se fitassem
No Romano de forte, que acendessem
Amor no peito bárbaro? Que amor,
Amor e não piedade lhe excitasse
Esse heróico valor com que defende
E dilata meus dias, não temendo
Ver expirar os seus; sacrificando-os
Por uma inimiga a mais cruel,
Que nunca terá Roma? Ah, olhos, olhos!
Desceria por vós ao coração
O veneno fatal? ou Vénus mesma
Vos enxugou as lágrimas; cerrou
A ferida mortal. Deus! castos Deuses,
Eu rendida aos afectos de um Romano!
Ele se desvanece, tu me culpas!⁵
O ser agradecida é ser sujeita?
Não ser ingrata, acaso é ser amante?
Não pedir, não querer a liberdade ⁶
Da mão desses tiranos, é beijar
As cadeias que arrasto envergonhada?
Ou esse amor da vida; e tu vaidade, ⁷
Transportastes de modo esta alma fraca,
Que confunde a virtude? ⁸ Não, Minuro,
Em ti foi ilusão, nele amor próprio.
A minha autoridade o desengane,
A tua presunção se desvança:
Observa-me severo e no silêncio
A teu senhor de meu consorte esconde
O mísero destino: Ele parece,
Bárbaro como é, que lá respeita
O sacrossanto nó. Quem sabe, ó Deuses!
Se da Religião, faltando o medo,
Desaparecerá tanta virtude,
Que eu lhe inveja e te espanta: E recobra
Aquela que tu dizes que perdi,
Por este coração já ressentido,
Horrorizado fim, do vergonhoso
Escândalo que dei (tu mo estranhaste) ⁹
Malogrará talvez, precipitada,

⁵ *A Minuro.*

⁶ *Arrogante.*

⁷ *Com desprezo.*

⁸ *Resoluta e inteira.*

⁹ *A Minuro.*

A grande acção de Lívio. Ah, Ósmia, Ósmia!
Dada por um Romano, nem a vida
Te devera ser cara.

CENA II

LÍVIO

Sai, Minuro.¹⁰

Gentil Ósmia, depõe, depõe o susto,
O terror feminil, pânico medo.
Nenhum outro Romano tem no peito
O coração de Galba: Nos ouvidos
De todos ele sabe, que inda soam,
Depois de tão punidos, tão vingados,
Os últimos suspiros da Matrona
Violada: E tanto que nenhum
Profere sem tremer, depois do insulto
Da famosa Lucrecia, o detestável
Feio nome de adultério: o pecado,
Sepulta com seus reis a vingadora
Religiosa Roma. E se abortasse
A cólera dos Deuses algum monstro
Da casta abominável do cruel
E soberbo Tarquínio; ainda guardo
Nestas veias, formosa Lusitana,
O resto desse sangue que perdi
Para livrar-te a vida, porque corra
'Té à última gota derramado
Para salvar-te a honra. Porém, Ósmia,¹¹
Teu semblante viçoso, tenra idade,
A virginal garganta, castos olhos:
Esse rubor, o pejo, esse contínuo
Sobressalto e pavor em ti descobrem,
Mais que não de casada, alma inocente
De uma donzela intacta... Choras?

ÓSMIA

Que já mais presumi, que impunemente
Me afrontasse ninguém, e muito menos,
(Perdoa-me, senhor) que eu o sofresse,
Nem ao pretor, ao cônsul, ao Senado.
Jurei fidelidade conjugal
No Templo de Minerva, inda seis meses
Não correram, depois que o santo nó,
Unindo os corações, uniu as almas:

¹⁰ *Sai e assusta-se Ósmia.*

¹¹ *Afectuoso.*

E jurou-ma recíproca Ragúcio,
Dos ilustres da Pátria e o mais rico
De toda a Lusitânia.

LÍVIO

Basta, basta.

ÓSMIA

Não basta, não; talvez que inda em teu dano
E castigo de Roma, pois feitos
O conheças melhor, que pelo nome.
O generoso sangue de Apimano,¹²
(Estremeceste, Lívio) é o que pulsa
No valeroso peito: e o Céu, os Deuses,
Que da traição infame o preservaram,
De que foi testemunha...

LÍVIO

Infeliz Ósmia,
Bem o podes chorar defunto.

ÓSMIA

Bárbaro!¹³
Vivo o deixou Minuro, ileso e salvo:
Se a Pátria o não chamara, ou se soubera
Meu infeliz destino, ainda aqui mesmo
Te viria afrontar. O seu ciúme
O fará temerário.

LÍVIO

Tanto orgulho...

ÓSMIA

Mas se os fados cruéis, fados injustos!,
Lhe cortassem o fio de que depende
Uma arriscada vida, entre inimigos
Traidores e tiranos, como são
Os da tua Nação...

LÍVIO

¹² *Repara Lívio.*

¹³ *Assusta-se o Romano, como que estranha.*

Mas generosos...

ÓSMIA

Generosos sereis, sim, com aqueles
Que vos temem; porém o baixo medo
Que tendes concebido aos Lusitanos
Vos abate essa glória, quando viste
Que não fossem tiranos os medrosos,
Traidor a pusilânime? Se a Parca
Cortasse, como digo, aquele fio:
Vaidoso Romano, não esperes,
Não presumas comprar o teu triunfo
C'o sangue que perdeste, nem c'o a dádiva
Desta vida infeliz: essa lembrança
É menos um suspiro que me custa,
É um impulso mais que anima o braço
No lance de perdê-la.

LÍVIO

Ah, que tão crua
E tão bárbara acaso não serás,
Quando nem a razão, nem os costumes,
O rito, nem os Deuses apadrinhem
Uma resolução que só se funda
Naquele ódio mortal que eles criminam.¹⁴

ÓSMIA

Quem escala?...

LÍVIO

Sossega: da tua Pátria
Uma nobre cativa desse lado
Tem o domicílio: seu senhor
Me facilitou hoje aquela digna
Companhia que há tanto suspirava,
Para ver se perdias esse espanto,
Esse pejo, esse medo, esse receio,
Que não pode tirar-te a experiência
De meus puros costumes. Já respiras?
Mas tornas a chorar?

¹⁴ *Rompem dous soldados romanos a tenda pela parte interior, para abrirem uma comunicação; e Ósmia, ao impulso que nela sente, se lança a querer tirar a espada da cinta de Lívio. Os soldados aparecem depois e se retiram pela mesma comunicação que abriram.*

ÓSMIA

Temo a piedade
Dos corações Romanos.

LÍVIO

Tu não podes
Conhecer até onde, infeliz Ósmia,
Se estenda a virtude, sim, daquele
Que detestas por bárbaro: talvez
Se o viras, ingrata, se o souberas,
Ingrata não serias. Porém culpa,
Culpa a tua beleza: ela detém
Seus mais nobres estímulos: amor,
Amor te prende. Amor, amor te faz
Ser a mais infeliz de todas quantas
Escravas me tocaram no despojo
De tantas mil vitórias. Nem só uma
Esperei que pedisse a liberdade:
Esse tráfico vil (abone-o a guerra)
Sempre olhei com horror: as desgraçadas
Generosas matronas que inflamou
A liberdade, a Pátria, o seu valor
A tomar o punhal, brandir a lança,
Deveram respeitar, não abater
As santas Leis.

ÓSMIA

Ó Céus!

LÍVIO

Estes costumes,
Minha alma gloriosa, as tuas lágrimas
São um remorso tal, que sem baixeza
Não posso reprimir, eu o conheço,
Mas suporto-o. Meu ânimo constante
Resoluto uma vez reclama austero
Sua antiga virtude: Já se eleva;
Porém logo abatido, escravo e cego,
Tem recusa mesquinho, e não me venço.

ÓSMIA

Como queres vencer-te, se és Romano?
Uma palavra só te não falei
Na minha liberdade... minto?

LÍVIO

Não.

ÓSMIA

Perdeste-la tu já?

LÍVIO

Sim.

ÓSMIA

Pois reflecte.

Se acordado, ou dormindo, alegre ou triste,
No bom, no desgraçado cativo,
Deixaste de pensar um só instante
Na liberdade, dize, inestimável
Maior bem dos humanos: E discorre,
Depois de tais excessos, quais devo,
De tanta piedade, quanta tens;
Qual seria a razão que embaraçasse
De cair-me uma lágrima, uma só,
(Quando derramo tantas) em favor
Da minha liberdade? Qual seria?
A vileza romana.

LÍVIO

Tu me insultas!

ÓSMIA

Pois confunde-me, vence-te! primeiro
Se gelaria o Sol, ardera a neve.
Desculpa-me, senhor: Tu podes ser
Religioso, sábio, compassivo,
Cavalheiro, gentil, e ainda podes
Ser desinteressado, ser magnânimo;
Mas virtuoso não: tu és Romano.¹⁵
Conhece-te, envergonha-te: e se não,
Ostenta, ostenta, mostra, mostra ao Mundo
Uma acção grande; mostra uma acção digna,
Não de Hércules, Teseu, não; porém de um,
De um vulgar Lusitano temerário!
Deles, não dos Romanos, confiastes,
Ó Deuses imortais, as almas grandes.

¹⁵ *Aflige-se Lívio e fica pensativo.*

Tenha Roma vanglória, pode tê-la,
De desumanidades, de traições,
Que ninguém lhe disputa. E tu, senhor,
O menos vicioso dos Romanos,
Enganado por essas qualidades
Vagas e subalternas, que te fazem
Gigante entre pigmeus; guarda silêncio
Diante de quem ouve desde o berço
Espantosas acções, e vê heróis;
E contenta-me, sim, sim, desvanece-te
De ser grande somente entre pequenos:
Um conceito não faças tão humilde.

LÍVIO

A paixão dos heróis...¹⁶

ÓSMIA

Heróis são esses
Que vencem as paixões.

LÍVIO

Tem-nas os Deuses.

ÓSMIA

Mas podem dominá-las.

LÍVIO

De ser homens,
Não deixam os heróis.

ÓSMIA

Heróis não fazem
As fraquezas dos Deuses.

LÍVIO

As virtudes
Não são acessíveis.

ÓSMIA

Sim, àqueles

¹⁶ *Afrontado.*

Que nascestes Romanos.

LÍVIO

O orgulho à virtude.
Não conduz

ÓSMIA

Quem confessa fraquezas.
Não a tem

LÍVIO

Imitei já dos Deuses.
Mil acções

ÓSMIA

Talvez que preservasse.
Nesta vida ¹⁷

LÍVIO

É o dá-las, ingrata.
Deles só

ÓSMIA

É maior mal que a morte. A morte heróica
É mais cara que a vida.
A escravidão

LÍVIO

E longe de teus olhos...
Eu amo a minha, ¹⁸

ÓSMIA

Cara Pátria...
Se a minha desgraçada formosura
Nos olhos deste bárbaro ¹⁹ me rouba
Aquele doce bem, de dar por ti
O último arranco, nesse dia
Que a cólera dos Deuses e dos homens

¹⁷ Com ironia.

¹⁸ Com afecto e ternura.

¹⁹ Pasma Lívio, como que estranha Ósmia.

Por esta época terá da decadência
Da vaidosa Roma; que inimigo,
Inimigo comum será de toda,
De toda a geração que cobre a terra:
Sacrossanta virtude, põe teus olhos
Na casta Lusitana! anima o braço
De uma fraca mulher. Salva-lhe a honra.²⁰

LÍVIO

Aí tens esse ferro, salva-a, mata-me.²¹

ÓSMIA

Ó Deuses!

LÍVIO

Sim, cruel:²² rasga, atravessa
O generoso peito.

ÓSMIA

Tira.²³ Ó Deuses.

LÍVIO

Pois de mim não presumas apartar-te,²⁴
Se vires que respiro: Enquanto anime
Um alma forte ou fraca o Tigre Hircano,
Ou a serpente, ou monstro tão ferino,
Que te ama, te respeita e que te sofre:
Tão carniceiro, sim, que derramou
E derramara todo quanto o sangue
Pelas veias lhe corre, quanto nutre
Suas duras entranhas, sim, se tanto,
Se tanto, ah cruel, fora preciso
Para poupar o teu. Nunca tão bravo
Me viu o inimigo sobre as armas:
Tal ira no meu peito acendeu nunca
O rancor lusitano: tão pesado
Jamais sentiu o braço o mole Arménio,
O ardente Africano, o duro Celta:
Rompi, desfiz, cortei, feri, matei:

²⁰ *Chora.*

²¹ *Atira com a espada.*

²² *Pega na espada; e apontada no peito se vai chegando para que Ósmia a empunhe.*

²³ *Assombrada e confusa.*

²⁴ *Embainha.*

Dize tu que o viste, sim, responde:
Os inimigos? Não, os meus soldados.
Os meus contrários? Não, os meus amigos.
Os traidores à Pátria? Os mais fiéis
Vassalos da República. Assassino
Meus amados patrícios, por salvar
A maior inimiga que tem Roma.²⁵

ÓSMIA

Eu não resisto, Deuses protectores...

CENA III

ERÉCIA, ÓSMIA

Entra ERÉCIA pela comunicação que se fez na tenda.

ERÉCIA

De que alívio, senhora.²⁶

ÓSMIA

Mal o sabes.

ERÉCIA

Te poderá servir uma infeliz?

ÓSMIA

De quanto pode ter um desgraçado.²⁷
Quem não sentiu o mal, pouco se dói.

ERÉCIA

A quem fará lástima?...

ÓSMIA

Nem sabe
Dar-lhe consolação, nem quando os ente.
O sofrê-lo é que instrui, isso é que ensina
A socorrer os míseros, e assim

²⁵ *Parte.*

²⁶ *Chorando.*

²⁷ *Abraça-a.*

Nós, que somos no mal participantes,
Se nos não consolarmos, choraremos.
Só do Céu...

ERÉCIA

Com que susto! e com que mágoas!
O triste cativoiro.

ÓSMIA

Não: a Pátria
Esgotando-se em sangue; e nós, coitadas!,
Sem poder socorrê-la. Quando, às lanças,
Às espadas, aos dardos as mãos faltam;
Que lhes não faltariam, se avisados
Temêssemos amigos, aos que tremem
De ter-nos por contrários. Quando estranha
A guerreira caduca, o peso às armas;
E ml diz a Noviça o débil braço:
Ver cruzados os meus, a elas feitos;
E no vigor da idade, é um tormento
Que me faz esquecer de todos quantos
(Mal sabes) me cercam.

ERÉCIA

Ah! que não.
Perdoa-me, senhora, que o valor
Não é virtude, não, do fraco sexo.

ÓSMIA

Fala a necessidade.

ERÉCIA

E dessa mesma,
Que se segue?

ÓSMIA

Talvez a liberdade.

ERÉCIA

Demo-la nós à Pátria?

ÓSMIA

Conservámo-la?

ERÉCIA

Somos vaidosas.

ÓSMIA

Dizem-no os guerreiros.

ERÉCIA

É por lisonjear-nos.

ÓSMIA

Nossos homens
De tudo cederam, menos da glória.
O desejo de sós a conseguirem,
(A poderem connosco disputá-la)
Injustos os faria e não cortesés.
Não te seja fatal a iníqua inveja
Que tanto nos arrasta: essa bastarda
Da ambição generosa: Infeliz Pátria!
Das mãos arrancará dos mesmos filhos
Com a vida o triunfo, o pai zeloso,
Pela canina inveja devorado.

ERÉCIA

Mas as leis da modéstia e do recato
A que se não expõem? Como se podem
Salvar intactas, conservar ilesas:
Quais as castas donzelas e as já nuptas
Devem satisfazê-las? Leis pesadas
E sacrossantas! Pois, se as violamos,
Fica-nos o remorso mais cruel
Que a própria morte, ó Céus, e não nos custa
Nada mais que a vida executá-las.
A isto obriga a honra, dize agora,
Como a defenderás?

ÓSMIA

Morrendo.

ERÉCIA

Vai

Infinita distância do propósito

À execução.

ÓSMIA

Vai, mas na guerreira
Não milita essa regra; porque nelas
O desprezo da vida se antecipa
Ao susto de perdê-la. Quem não teme
Sacrificá-la à Pátria, não vacila
Em dá-la pela honra.

ERÉCIA

Mas a nossa
Infeliz condição?

ÓSMIA

É toda uma,
Se de morrer se trata.

ERÉCIA

Mas a honra
Das mulheres, repara, é tanto o alvo
Do nefasto rancor do inimigo,
Como costuma ser, ou inda mais,
A vida dos varões. A sangue frio
Os matam desarmados: A nós poupam-nos
No ardor do combate.²⁸ Inexoráveis
São a nossos maridos: A nós amam-nos.²⁹
Mortos os querem ver, vivas a nós.
Vê tu a diferença de inimigos,
Que fomos as mulheres? E se dizes
Que não valem menos do que os homens,
Não nos preservaram, por não temer-nos:
Não só nos não darão punhais, mas sim
Nos despojarão deles. Que partido
Tem na casa, no campo, no arraial
Uma fraca mulher entre Romanos;
Já vencida, já escrava? Entre esses homens
Ardilosos, astutos e sagazes
Como todos os demais, para enganar-nos:
C'o poder de inimigos, c'o domínio
De senhores? Eu tremo, e nestas lúgubres
Imaginações vagas, passo noites
Em sonhos tão prezados, que mim vezes

²⁸ *Assusta-se Ósmia.*

²⁹ *Assusta-se.*

Acordo num instante: uma irada
E outras abatida: Já lutando
C'um bárbaro, com outro. Já em lágrimas
Chorando violadas as matronas,
Que infelices lamentam; qual o estupro
E qual o adultério. E ³⁰ morta! quando
Tu, ó casta vergonha!, (Quanto engana
A Vaga fantasia) me parece,
Que pões já sem rubor uns criminosos
E impúdicos olhos no tirano,
Que com lânguido rosto a teus pés vês
Em lágrimas banhado, derribando
Com suspiros, soluços e delíquios
E com tremendos votos, a quem em vão
Está chamando os Deuses, e em que crês,
Como neles aquela fortaleza
Inexpugnável...

ÓSMIA

Deuses!³¹

ERÉCIA

Sim, a honra.

ÓSMIA

Suspende, mulher santa: os Céus te enviam.
Ouviste-me, Diana!³² A realidade
Desse sonho me faz os claros dias
Mais medonhos que a ti as negras noites.
As ternuras, afagos, as carícias,
Religião, virtude, sangue, a vida,
Que expôs este Romano, por salvar-ma
Das mãos de seus tiranos, dos seus mesmos:
E a sombra de Vénus que lhe encobre
A pérfida intenção, contaminaram
Toda a minha virtude: Ele afugenta
Com seu gentil semblante aquele horror
Da geração do Lácio, que distingue
As almas lusitanas. Desvanece
A feminil vaidade, oferecendo-me
Aquela heróica mão que tanto zelam
As mulheres romanas. O temor

³⁰ Com aflição e levanta a voz só naquela palavra; e mais, como parecendo-lhe que vê o fantasma que pinta, em voz baixa e assustada.

³¹ Sufocada.

³² Para o Céu.

Da Divindade faz que não receie
Insultos minha honra. Castos, puros
Seus costumes, parecem menos de homem,
Que de intacta donzela. Generoso,
Afável, compassivo... um coração.

ERÉCIA

Desgraçada matrona, como o pintas:
Nenhum homem o tem: O teu sensível
As imagens formou, que amor avulta.
Roubam os corações finos agrados.
Os benefícios prendem, prendem almas;
Mas se os reconheces, estremece,
OU casada, ou inupta.

ÓSMIA

O esposo é morto;
Mas antes de o chorar triste despojo
Dessa negra traição do fero Galba,
(Este é o meu delito) as ternas lágrimas
Do Romano, por fim, (eu gelo, eu tremo)
Do coração sensível me arrancaram
As palavras fatais... *eu te amo, Lívio*.³³
Mas Diana, tocada dos remorsos,
Que desde logo a Pátria e o pundonor
Exercitaram nesta alma lusitana,
Para vingar em mim, e ainda nele
Aquele erro da língua...

ERÉCIA

Em vão, matrona,
Sem fugires, intentas resistir
Às tuas mesmas armas: tu lhas deste,
Ficaste sem defesa: ele te rende.

ÓSMIA

Honra que não cedeu à paixão viva
Do carinhoso amante por quem eu
Estremecia que as Leis Paternas
(Leis santas e cruéis) daqueles braços
Me arrancaram: não teme, não receia
Perecer nos de um bárbaro.

ERÉCIA

³³ *Estremece Erécia.*

E terias
Valor para enterrar-lhe este punhal
No coração?

ÓSMIA

Ó Céus!

ERÉCIA

Perdes a cor?
Pois esta, que afrontaste de cobarde,
Pusilânime tímida o esconde,
Para sem piedade o atravessar
No primeiro Romano que se arrisque,
Cortês ou temerário. Não distingue
A honra diferença de combates.
O valor e a traição do mesmo modo
Vingarei, e depois, no fraco peito
Entrarás³⁴ incha quente, ensanguentado.

ÓSMIA

Mandarás ao Inferno satisfeita
A tua alma inocente que banhada
Nesse sangue romano, gozará
Em eterno descanso a suavidade
Das imortais delícias da vingança?
Que inveja me não causas!

ERÉCIA

Mandarei,³⁵
Mas fosse inspiração, fosse piedade:³⁶
Da minha companhia um só instante
Te não separarás: talvez que ensaie
No peito desse bárbaro,³⁷ primeiro
Os golpes que preparo contra a fúria
Destoutro que não vi, e me retratam
Todo pelo contrário.³⁸

ÓSMIA

³⁴ *Aponta-o.*

³⁵ *Com ênfase.*

³⁶ *Natural.*

³⁷ *Assusta-se.*

³⁸ *Guarda o punhal.*

Eu to agradeço:
Porque em vão o insulto e me revisto
De aspereza, de horror, de crueldade:
O desprezo, injurio, afronto e trato
Como o mais vil escravo.

ERÉCIA

Como é justo.
Se não, dize, porquê? porque não troca?
Pela dádiva só da liberdade
Tanta acção generosa? ou não cora
Todas as mais com ela? Prometeu-ta,
Se quer por enganar-te.

ÓSMIA

Resoluto
Jurou de enquanto vivo nunca dar-me.

ERÉCIA

Foge.³⁹

ÓSMIA

Espera.

ERÉCIA

Deténs-te?

ÓSMIA

É meu senhor.

ERÉCIA

Cortês, sobre sensível.

ÓSMIA

Ah!, Minuro.⁴⁰

CENA IV

³⁹ *Querendo pegar-lhe no braço para encaminhá-la à sua tenda.*

⁴⁰ *Alto.*

MINURO *e ditos*

ÓSMIA

Em chegando...

ERÉCIA

Que passe à minha tenda ⁴¹
Se vier o Romano.

ÓSMIA

Chama-me... Ouves?
Não te apartes daqui.

ERÉCIA

Ah, desgraçada!
Inesperta matrona, eu me condeo. ⁴²

CENA V

LÍVIO *e* MINURO
MINURO *encaminhando-se a chamar* ÓSMIA

LÍVIO

Onde vais?

MINURO

Chamar Ósmia... agora mesmo...
Neste instante..

LÍVIO

Detém-te.

MINURO

Com Erécia...

Inda não chegará...

LÍVIO

⁴¹ *Pegando-lhe pelo braço.*

⁴² *Entram.*

Suspende. Teve
Algum alívio acaso?

MINURO

Esse que dá
O mal comunicado: o desafogo,
Esse alívio das lágrimas que em rios
Saíam de seus olhos: reflectindo,
A qual avisada em quantos bens
Se chegam a perder co'a liberdade.
Chorando já desastres, consequências
Do triste cativo; inda escondidos
Através da ignorância, véu que encobre
Em vão os tristes Fados.

LÍVIO

Que inscrutáveis!
Agudos e subtis para afligir-nos!
Malogramos até o maior bem
Da Providência, a mais afeiçoada
Amiga dos mortais. Porém que teme?

MINURO

O que deve temer a minha casta
No meio de inimigos.

LÍVIO

Mas Romanos.
Mais segura estará neste arraial
Que inda no Santuário das Vestais;
Porém dize, Minuro, conhecias
O marido da bela?...

MINURO

Desde o berço.

LÍVIO

Chamava-se?...

MINURO

Ragúcio! e respirava
No dia em que perdi a liberdade.

LÍVIO

Alcançara-la agora se disseses
Que expirara.

MINURO

Senhor.⁴³

LÍVIO

Sim, dar-ta-ia.
E fora mais feliz que tu. Ela ama-o?

MINURO

É virtuosa, e tanto, que ajustada
Com outro Lusitano, a quem queria
Como a Mãe a Cupido, pôde mais
A vontade paterna, que se muda
Pelo vil interesse, que os suspiros
Do magoado amante, que o primeiro
Fogo que arde no peito; Pôde tanto,
Que a chama se extinguiu.

LÍVIO

Parece-o.

MINURO

Tanto...

LÍVIO

Sufocá-la é o mais até que pode
Estender-se a virtude. Ah!, que ambos somos
Desgraçados, Minuro! escravo tu,
E eu sem esperanças, depois dela
Protestar que me amava!

MINURO

Senhor...⁴⁴

LÍVIO

⁴³ *Tímido.*

⁴⁴ *Tímido.*

Fala,

Examina por esses prisioneiros
Se acabou no conflito em que o deixaste,
Ou se inda o preservou meu triste fado.
E em prémio terás dessa notícia
A prometida, cara liberdade:
Que te daria já, se não tiveras
Mostrando-me uma tal parcialidade,
Que não presumo inútil, nesta empresa
Da conquista fatal.⁴⁵

MINURO

Senhor...⁴⁶ É morto.

LÍVIO

É morto! Céus! Tu mentes.⁴⁷ Não te passo
A cortadora espada.⁴⁸ Em reverência
Da mesma liberdade,⁴⁹ ela desculpa
As mais negras acções entre os Romanos.

MINURO

Não te minto, senhor.

LÍVIO

Nem a verdade
Se crê dos mentirosos.

MINURO

Mas se juro...

LÍVIO

É perjuro o que mente.

MINURO

Vi, senhor,
Já coberto de sangue e de feridas,

⁴⁵ *Partindo.*

⁴⁶ *Timido, e Lívio olha para ele, como que já reflecte, em que é a terceira vez que assim o apostrofou.*

⁴⁷ *Irado.*

⁴⁸ *Empunha-a e tira até o meio.*

⁴⁹ *Embainha.*

Estendido no campo...

LÍVIO

Mas porque
Me mentiste? Ah, cruel, malogra...

MINURO

Vi

Que o respeito do estado, te continha,
Assegurava Ósmia.

LÍVIO

E Ósmia sabe-o?

MINURO

Não... Senhor.⁵⁰

LÍVIO

Nada creio.

MINURO

Receei,
Entre tanta aflição... dobrar-lhe as mágoas
Com tão fatal notícia.

LÍVIO

Que artifício!

MINURO

Sobre mim...

LÍVIO

Ah, perjuro! Se é verdade,
Oculta-lha, até que eu te diga o modo
De lha participares. Mas tu mentes?

MINURO

Pelos Deuses...

⁵⁰ *Confuso.*

LÍVIO

Nova alma, nova vida...
Mas enganas-me! Não, não, não é Lívio
Tão ditoso.

MINURO

Ósmia é tua.

LÍVIO

Que me dizes?

MINURO

Já ferida lamenta o passador
Que o coração traspassa; a medo assopra
A chama já crescida e mais a acende.
Mal aplica o remédio, mal o deixa.
Anima-se e estremece, pois já sente
Que a chaga, que a consome, a vivifica.
Insulta-te e suspira.

LÍVIO

Mais cruel
A vi hoje que nunca.

MINURO

São os últimos
Esforços da virtude.

LÍVIO

Qual virtude?

MINURO

Aquele ódio implacável...

LÍVIO

Também tu
Te atreves, temerário!...

MINURO

Sou fiel:

A meu senhor a pinto como a vejo.
Sou-te reconhecido.

LÍVIO

Sê também
Amigo de Ósmia: faze-lhe gostar
A Cândida verdade, santa e pura:
Amargosa talvez, que não incrível
Lha faz a prevenção, de ser ouvida
Da boca de um Romano; ou seu mau fado.
Ela será feliz: ditoso Lívio.
OU me enganes, ou não; todo me entrego
À tua fé, Minuro: a minha sorte
Dependerá de ti, de ti somente.
E à sombra da Pátria gozarás,
Companheira da vida, a suspirada,
A cara inestimável liberdade.⁵¹

MINURO

Quanto me custa já mais do que val!⁵²

FIM DO ACTO PRIMEIRO

⁵¹ *Parte.*

⁵² *Parte.*

ACTO SEGUNDO

CENA I

MINURO, e depois ÓSMIA.
MINURO *abrindo, ou levantando a porta*
para entrar na tenda de ERÉCIA.
Sai ÓSMIA

ÓSMIA

Despoeira-se a Pátria. A bandos entram
Nesse arraial os nossos. Que cobardes!
Infâmia da Nação: a punhaladas
Lhes tiraria as vidas que sustenta
O vil abatimento. Por não vê-los
Me retirei: tal cólera me exaltam.
Uma gota de sangue não disfarça
A vileza dos ânimos não honra
As impudentes caras. Não conduzem
Os mansos cordeirinhos seus pastores
Com maior confiança, menos susto,
Do que escoltam Romanos, legiões
De Lusitanos. Fracos! a traição
Do fementido Galba, que devera
Incitar, ascender-lhes, sim, um cego,
Um insano furor que os reduzisse
A morrer ou vencer: a dar as vidas,
Primeiro do que as mãos, inda a cortá-las,
Por não ver-lhes cadeias: ao contrário,
Parece que aterrou na Lusitânia
Esse valor intrépido, constante,
Em que os olhos fitava a outra Espanha,
(De tantos mil exemplos animada)
Por tornar a dever-nos, sublevando-se,
A sua já perdida liberdade.
Que graças te não dou, ó Providência!
Por salvares com mortes gloriosas
O generoso sangue que me anima.
Os pais, irmãos, avós, o mesmo esposo
Expiraram no campo sobre as armas.
Acabou pela Pátria todo o sangue
Preservado da infâmia, porque passa
Esta última relíquia, indigna deles,
Mas por culpa dos fados.⁵³ Comprimido
Ferve e rebenta nas inchadas veias

⁵³ *Com espírito.*

Pela honra da Pátria.

MINURO

Eu te buscava:
Para que permitisses, por momentos,
Separar-me daqui, a ver se encontro,
Entre tantos, algum de meus parentes:
Ou se posso, sequer, saber se vivem
Minha triste mulher, meus velhos pais,
Meus infelices filhos.

ÓSMIA

Já não sinto
Perder c'o triste esposo as esperanças
De nutrir a meu seio um claro infante,
As delícias da Pátria, um Lusitano,
Que filho de Ósmia e Neto de Apimano,
Com que agouros nascera a altiva Roma?
De fazer-lhe gostar no doce leite
Aquele ódio imortal, já derramado
Por este mesmo sangue, porque vivem
As ferinas entranhas que o geraram.
De ensinar-lho a beber, a grandes tragos,
Em mil fontes que abrija, insaciável
Nos corações romanos, a Mãe crua.
De referir-lhe o caso lamentável
Do protervo Sulpício; e a longa série
Das famosas acções, ilustres feitos
Do grande Cesarão, Cantero e de outros
Famosos Lusitanos, que deixaram
Saudosas memórias. Retratar-lhe
Com as suas feições, seus mesmos gestos
Lisonjeira e severa, o porte altivo,
O semblante guerreiro, as forças brutas
Do generoso avô, para infundir-lhe
A nobre emulação de inda excedê-lo
Nas virtudes, no espírito: contente ⁵⁴
De lhe ver imitar, por toda a glória,
O rancor ao Senado, o amor à Pátria.
Degenerara o sangue de Apimano. ⁵⁵
O desvelo da minha educação
Falharia talvez, quando desmaia
O valor lusitano, à vista (Ó Deuses)
Dessa negra traição; da mortandade
Que em nós fez o pretor. E não excita

⁵⁴ *Moderada.*

⁵⁵ *Muda de tom e diz este verso apressadamente.*

A cólera, a vingança, a humanidade,
Uma acção que movera, não os fracos,
Mas inda os insensíveis: Não lhes doe
Esse sangue inocente que inda corre,
O separados membros que inda vivem;
O coração que pula inda no peito
Desanimado já? que não devera
Recear dos ouvidos? que esperara
Da força das palavras e dos exemplos,
Para excitar paixões, mover os ânimos,
Estimular o brio? quando os olhos
São débil incentivo, tardos órgãos!
Morreu a liberdade. Vai, Minuro,
Vai ouvir pela boca de uns indignos
Filhos da Lusitânia esses clamores
Da agonizante Mãe, a que eles surdos
Deram costas: sim, vai, vai aprender
A desonrar a Pátria: principia
A temer os Romanos.

MINURO

Não malogres
O teu feliz destino. Não, não tentes
Os benefícios dos Deuses, que reduzem
À tua liberdade os teus cuidados.
O carácter de Lívio que esperanças
Te não dá de sair em continente
De todos eles: louva, louva esse astro
Em que nasceste.

ÓSMIA

E a Pátria?

MINURO

Jornaleiras

São as armas: confia, não te abara
Ver tanto prisioneiro, talvez sejam
Inda dos que ficaram desarmados
Naquele fatal dia: Deixa as mágoas
A Minuro, que chora, ao mesmo tempo
Uma errante mulher, três gentis filhas,
Dous inespertos moços: se me esqueço
Do pejo das donzelas, é c'o susto
Que me dão os mancebos: se cobardes,
Se fracos, se traidores mancharão
A honra lusitana. se me lembro

Das inocentes moças! a violência,
A fraqueza, os enganos; com que cores
Me não pintam a afronta? O desamparo,
A penúria talvez; talvez a fome
Da Mãe desconsolada, ferem a alma.

ÓSMIA

A liberdade, a Pátria.

MINURO

Quando toque
O seu infeliz termo, a Lusitânia...

ÓSMIA

O seu infeliz termo? Já supões...

MINURO

Sagunto pereceu, caiu Cartago
E cairá Numância.

ÓSMIA

Inda verei
Um dia mais fatal!...

MINURO

Não, mais felices
Serão os teus.

ÓSMIA

Os meus!⁵⁶

MINURO

Sim, a amizade,
A paz com os Romanos,⁵⁷ do teu leito
Fará Lívio mais digno que Ragúcio.

ÓSMIA

Que me dizes, Minuro!⁵⁸

⁵⁶ *Espantada.*

⁵⁷ *Observa-o Ósmia.*

MINURO

Quanto mais,
Que aquela sujeição te obrigaria
Este amor, este excesso, o sangue, a vida
Que respiras?

ÓSMIA

Minuro... Vai-te... Infame...⁵⁹
Não és acaso o mesmo que notaste
Há tão poucos momentos esse agrado
Com que reconhecido, ou vaidosa
Contemplava o Romano? Que presumes
NO coração sincero, pelo modo
Carinhoso e afável, quase acesa
A chama detestável, chama indigna
De uma alma lusitana? Como agora
Pretendes atea-la? Foge, escravo.

MINURO

Noutra situação, em diferentes
Circunstâncias figuro...

ÓSMIA

Que perfídia!

MINURO

Inocente me insultas.

ÓSMIA

Desgraçado!
Que interesse te arrasta? Um vil Romano
O leito mancharia de Ragúcio?
Não mancharia, não, crê-me, traidor.
Fora ele as delícias do Universo,
Meu marido o horror da Lusitânia!
Foge de mim, infame, foge e treme
De ver-me sem cadeias. Quem me vende,
Que não fará! Ó Céus! eu vos protesto,
Se torno a resgatar a liberdade,
De preservar a Pátria, de um traidor

⁵⁸ *Pasmada.*

⁵⁹ *Sobressaltada e a cada uma das três palavras vai reforçando a voz.*

Amigo dos Romanos: Que te falta?
Só arte, ocasião para entregá-la.

MINURO

Injustamente ofendes...

ÓSMIA

Vai-te.⁶⁰ Ó Deuses!

Casta Diana...

CENA II

ERÉCIA e ÓSMIA

ERÉCIA

Amiga! Prisioneiro
Entrou no campo, e deixo no aposento
Um triste irmão: o medo que me infunde
O soberbo carácter com que pintam
Esse altivo Romano, a quem por forte
Me deu minha desgraça, me conduz
A rogar-te, senhora, que permitas
Demorar-se comigo na tua tenda,
Pelos poucos momentos que bastarem
A findar a pesada narração
Das fatais consequências que tiveram
Os enganos de Galba.⁶¹

ÓSMIA

Isso é possível!
Eu posso permiti-lo?

ERÉCIA

A estimação...
A atenção e respeito com que Lívio...

ÓSMIA

O amor, o ciúme, o zelo tem
Maiores consequências do que os vagos
Melindres, que sonhou a vaidade,

⁶⁰ *Parte Minuro.*

⁶¹ *Fica Ósmia suspensa.*

Que tão sábios desprezam os Romanos.

ERÉCIA

Alterar não quisera o teu sossego,
Suposto que seria um forte escudo
Esta não esperada companhia,
No perigoso risco, em que pondero
A tua honestidade, a tua honra.

ÓSMIA

Consideras-me infame?

ERÉCIA

Não; mas vejo
No teu semblante uma alma...

ÓSMIA

Uma alma cheia

De reconhecimento e de bondade.
Sensível a razão, agradecida
Aos benefícios, sim: Se a grosseria
Ou a brutalidade, a ingratidão
Só salvara a modéstia, foram castas
Só as feras selvagens: Nos humanos,
A virtude, a razão, tem mais poder
Para salvar a honra, do que tem
O susto de perdê-la. Enquanto escutas
A fatal relação, sou atalaia,
Deterei o Romano. Quanto sinto
Não nutrir o rancor com que os detesto,
Ouvindo alguma parte dos insultos
Que movem contra a Pátria. Mas discreta,
Ao mais leve sinal, esconde, salva
O arriscado irmão.⁶²

CENA III

ERÉCIA *e depois* TÂNTALO.
Chega à comunicação para a sua tenda e chama.

ERÉCIA

Tântalo? Irmão?

⁶² *Parte.*

TÃANTALO

Escapámos, Erécia, como digo,
Com mui poucos da plebe, àquela negra,
Original traição, que os Céus e os Deuses
Hão-de justos punir e a mesma Roma.
Pois nem de humanos é, e muito menos
De sábio general e de político
Conquistador chamar-nos: prometer
(Com a voz do Senado e a fé de Roma),
Prometer, não somente assinar
Vantajosos tratados, a que o mesmo
Execrando pretor assinalara
Todas as condições, mas de aumentar
Com mais povoações, com férteis campos
Tão estreitos domínios, à medida,
À proporção dos grandes corações
Da gente lusitana, da amizade,
Daquela distinção com que a República
Seu valor respeitava; e de improvizo
Caírem sobre nós (sem mais defesa
Do que a falsa palavra) tantas forças
(Tal era o seu temor), quantas tem Roma
Divididas por ambas as Espanhas.
E com que piedade! Um só, Erécia,
Uma só testemunha não deixaram
Que transmitir pudesse fielmente
Nem à posteridade, nem levar
À presença do ínclito Senado,
A perfídia de Galba: (tanto o indigno
Conhecia a maldade) Se um dos nossos,
Dos últimos da Plebe, um Viriato,
Um Caçador traçando o seu cajado,
Não abrisse por entre as legiões
Dos ferros inimigos (espantados
Ou já do atrevimento, ou comovidos
Por tal heroicidade) largo passo,
Com que nos pôs em salvo. Reunidos,
Nos conduziu, dous dias já passados,
Ao desgraçado campo: que espectáculo!
A mortandade não, não nos assombra.
Maior campo juncámos de Romanos
Por infindas vezes; e dos nossos,
Mais terra viu coberta, em mil combates
Inteiro o coração, enxuto o rosto.
Mas que lástimas, Céus!, que crueldades!
Ali vimos no seio das matronas⁶³
Traspassados os míseros filhinhos

⁶³ *Patética e ternissimamente, e se chorar será melhor.*

Que as mães inda a seus peitos apertavam.
Ali na flor da idade, as inocentes,
Vergonhosas donzelas horrorizam:
Mutilados os rostos e cobertos
De coalhado sangue. Nem o pejo
Lhes consente pôr olhos. Reconhece
Qual o pai venerando e a mão lhe banha
Com terníssimas lágrimas; qual chora
A carinhosa mãe defunta; e qual
O seu único filho inconsolável;
O malogrado infante inda escondido
Nas míseras entranhas em que morre:
Doce consolação, vã esperança
Dos suspirados netos.

ERÉCIA

Céus, que lastimas?

TÂNTALO

Abraçado c'o pálido cadáver
Da prudente mulher, casta e formosa,
Quer morrer, e delira, outro sabe
Esse bem que perdera, e não repara.
Os parentes, irmãos, fiéis amigos:
Inda os diferentes ali são
Lastimosos objectos.⁶⁴ Mas correram
Mais lágrimas de gosto, quando vimos
Cravados, sim, na face dos tiranos
Inda os raivosos dentes, que lançaram
(Por fábula o tivera, se o não visse)
Com armas na mão, lá no Cocito
Infinitos Romanos.⁶⁵ Sobre quantos
Jaziam inda os nossos! Parecia
Que c'os nervosos, já defuntos braços,
Apertando a garganta, lhes faziam
Saltar os olhos, despegar as línguas.⁶⁶
Não pode acreditar quem se não viu
No mísero destroço; os novos, raros,
Os estranhos affectos, a quem movem
Amor e piedade nos estragos,
A que nenhum mortal foi costumado.
Já corruptos, eu vi! meios comidos⁶⁷
Das feras, dos abutres; unir uns

⁶⁴ *Com alvoroço.*

⁶⁵ *Reforço de voz e entusiasmo.*

⁶⁶ *Natural.*

⁶⁷ *Com intimativa e admiração.*

Os membros separados, por achar
Os cadáveres desses que lhes foram
Na vida caros: outros religiosos
As virgens sepultavam, mais feridos
Do pudor que da lástima. Eu, Erécia,
Se disser que movi todos os corpos
Que encontrei do teu sexo...

ERÉCIA

Por me achares,
Por me reconheceres?

TÂNTALO

Não, perdoa..
Desculpa-me antepor à natureza
Fantasias de amor, humana lembrança
Indigna da modéstia, e da virtude
Dessa minha adorada, infeliz Ósmia.
Sucederam à lástima os furores.⁶⁸
Rebentaram as lágrimas nos olhos
Do segundo Apimano... *Tendes visto?*
(Exclama Viriato, e a voz de ferro
Os cabelos levanta, e em movimento
Põe o gelado sangue) *Tendes visito?*
A proeza, a façanha dos soberbos
Vassalos do Senado, que se diz
Conquistador do Mundo? Que se faz
Arbitrio, vencedor já do Universo?
*Mulheres e crianças degoladas.*⁶⁹
E nós o sofremos? Lusitanos?
A glória nos convida; clama o sangue;
Pede vingança a Pátria. O vosso nome
Se fará imortal, nos mesmos fastos
Do soberbo inimigo. Sim, vinguem
Tantas Nações dos bárbaros, que fez
Célebre a fraqueza dos contrários,
Seus negros atentados; não valor,
Não virtude. Poder, Justiça, os Deuses,
Tudo, tudo é por nós. Sim, confirmemos
Aquele ódio mortal, que tantas vezes
Jurámos contra Roma. Contra Roma
*Conjuremos a terra.*⁷⁰ E pondo a mão
Nas medonhas feridas de uma dessas
Infelizes donzelas, e invocando⁷¹

⁶⁸ Arrogante.

⁶⁹ Muda de tom.

⁷⁰ Natural.

Todo o Inferno, jura, juram todos,
De não largar as Armas, sem primeiro
Vingarem suas mortes. Separados⁷²
Do funesto lugar, e divididos,
Cada um se encaminha à Lusitânia
Para fazer tomar, sem excepção,
As armas contra Roma, a quantos povos
Entre nós habitarem: Neste trânsito,
Tão desgraçadamente fui cair
Não mão dos inimigos, que me achei
Prisioneiro. Mais que o meu destino,
Lamentara a desgraça de te ver
No romano arraial; se nos não fora
Tão natural esse ódio, esse rancor,
Que suprira a virtude, se saltara
Nas notáveis matronas lusitanas.

ERÉCIA

A um só não falei, mui poucos vi,
E nenhum tem entrado no aposento.
Confio do poder que esta cativa
Tem sobre seu senhor, facilitar-te
O fazeres-me nele companhia,
Logo que justifiques o apertado
Parentesco: por ela, na verdade,
Inda o desejo mais; um coração,
Uma alma lusitana, e heroína
Anima o gentil rosto que a distingue
Pelo claro epíteto de formosa...
Que obrigou no conflito o namorado
Senhor a derramar, por arrancá-la
Da mão dos assassinos o seu sangue,
O dos mesmos Romanos, que a nenhum,
Como já referiste, perdoavam.
Desgraçada beleza!⁷³ O bem da vida,
Lisonjeiros affectos nos seus olhos
O pintam a delícia dos mortais:
A fizeram sensível: temo-a, temo-a:
Vaidosa o celebra, estima, gaba,
Ela é o senhor e ele a escrava.

TÂNTALO

Detesta esse tremendo, fatal vício
Do teu sexo invejoso: Não ofende

⁷¹ *Reforça.*

⁷² *Natural.*

⁷³ *Com paixão excessiva e affectadíssima.*

Uma austera virtude o génio afável
Que a natureza pôs entre os ornatos
Do feminil espírito. O louvor,
O agradecimento, ainda mesmo
A parcialidade não assombra
A virginal modéstia. Quem no mundo
Mais sensível do que Ósmia, quem mais casta.
Deixou de resistir-me obediente:
Deixou nunca de ver-me carinhosa?

ERÉCIA

Tem mui poucas o mundo.

TÂNTALO

A Lusitânia...

ERÉCIA

Retira-te, pois temo a intempestiva
Chegada de qualquer destes Romanos.
Incomodo a cativa; ela fará
Que amanheça talvez mais claro o dia.
Com teus olhos verás... Mas que rumor...⁷⁴
Detém-te.

TÂNTALO

Aqui?

ERÉCIA

Aqui, não te confundas.⁷⁵

CENA IV

ÓSMIA e depois TÂNTALO

ÓSMIA

Este é Tântalo, Céus!⁷⁶

TÂNTALO

Ósmia?⁷⁷ Que sinto?

⁷⁴ Chega à porta que vai para a sua barraca.

⁷⁵ Conduz Tântalo para a tal passagem e deixa cair o coiro.

⁷⁶ Pasmada.

Que convulso tremor... mal firmo o passo...
Sufoca na garganta... um suor frio...
Que gélido terror... turva-se a vista...
Vacilante...⁷⁸ Infiel... dos pés me fuge...
Ou és sombra funesta.

ÓSMIA

Deuses! Tântalo?
Aquela Ósmia sou...

TÂNTALO

Não és aquela.
Nos braços de um Romano?⁷⁹

ÓSMIA

Tu deliras:

A última serei das Lusitanas?
Acabas de dizer...

TÂNTALO

Cego de amor,
Fui fácil de enganar, fácil de crer.

ÓSMIA

Estás num arraial...⁸⁰

TÂNTALO

Pérfida? Sai.
Vem cobarde Romano, vem...

ÓSMIA

Sossega.

TÂNTALO

Endireita a espada, empunha a lança;

⁷⁷ *Vertiginoso e encaminhando-se para algum assento; Ósmia querendo chegar-se a acudir-lhe e este não querendo, repulsando-a.*

⁷⁸ *Chegando-se a ele.*

⁷⁹ *Levanta-se e torna a cair na cadeira.*

⁸⁰ *Levanta-se, como furioso, olhando para uma e outra parte.*

Toma o traidor punhal; o meu ciúme
Bastara a desamar-te.

ÓSMIA

Louco Tântalo.

TÂNTALO

Ah, se exangue te achara, já cadáver
Te seguira contente, e lá no Inferno
Te adorara inculpável. Porque vives?

ÓSMIA

Porque querem mostrar-me os tristes fados
Os indignos efeitos dos amores
Mais heróicos, mais castos. Porque passe
Pelo infame desprezo com que Tântalo,
(Íntima testemunha, íntima e única
Da minha honestidade) a ofende, a trata.
Nos braços de um Romano? Quando ao ódio,
Que já nasceu comigo, tantas causas
Aumentaram nas bárbaras acções,
Traidores e tiranos contra a Pátria:
Então é que me julgam parcial?
Então hei-de atendê-los? Hei-de amá-los?
Quando enxutos não tenho os tristes olhos
De chorar na execranda mortandade,
Meu defunto marido...

TÂNTALO

Ah!, que este bárbaro
Lhe tiraria a vida por lograr-te.
Foi por isso indulgente com a tua.
São tiranos até na piedade.
Traz Toma desde o berço esse atentado
Que os esposos sabinos mal vingaram.

ÓSMIA

A tua fantasia, o teu ciúme...

TÂNTALO

Antes tua paixão... tua torpeza...

ÓSMIA

Eu te deixo...⁸¹

TÂNTALO

Tu negá-lo? Fujamos.⁸²
Ó alma fementida! Tu vacilas?
Já o terror dos nossos tão seguros
E confiados têm neste arraial
Esses Romanos, que nem fogos,
Nem guardas o defendem. Por mil partes
Do socorro da noite acompanhados
Podemos sair.

ÓSMIA

Sair com Tântalo?

TÂNTALO

Não me conheces, Ósmia? Tu receias
Que Tântalo...

ÓSMIA

Se Tântalo se atreve,
(Tântalo que a conhece) a infamar Ósmia:
Que não diria o mundo se me visse
De ti acompanhada? Sendo pública
Tão famosa a paixão que nos unia.

TÂNTALO

A minha mão de esposo...⁸³

ÓSMIA

Honrados ossos⁸⁴
Do defunto Ragúcio, eu vos respeito:
Não temais esta afronta vergonhosa,
Este aborto da fé, ou da vingança
Do sexo leve e fraco; nem a falta
Daquele amor que cega o nó sagrado.
Em paz descansareis; o santo nome
De marido vos basta.⁸⁵ Quem deixara,

⁸¹ *Em ar de partir.*

⁸² *Quer pegar-lhe na mão e ela se retira.*

⁸³ *Estende-a e ela se retira.*

⁸⁴ *Apóstrofe.*

⁸⁵ *Natural a Tântalo.*

De tão intempestivo ajuntamento,
De tirar as infames consequências
Que ultrajam a memória do consorte,
C'o mais atroz delito das esposas?
De um modo as heroínas, de outro as fracas
Entenderam a honra: Eu sei aquele,
Porque a minha fê salva.

TÂNTALO

Talvez sendo
A primeira que dê um vil exemplo.
A primeira matrona lusitana
Que sinta no regaço e não afogue
O filho de um Romano.

ÓSMIA

Ah, vil, infame!⁸⁶
Inda tenho valor para arrancar-te
A petulante língua. Não malogres
Toda aquela indulgência que disfarça
Um zeloso furor. Sim, clamarei:
Chamarei os Romanos, que são menos
Insolentes que tu e menos bárbaros.

CENA V

ERÉCIA, FÁBIO *e ditos*

ERÉCIA

Já o guarda te espera.

FÁBIO

Vai, que eu parto.⁸⁷
Gentil Ósmia.⁸⁸

ÓSMIA

Senhor.⁸⁹

FÁBIO

⁸⁶ Chora, se puder, e dá passos para ele.

⁸⁷ Sai Tântalo por onde entrou e por onde saiu Erécia.

⁸⁸ Sobressalta-se Erécia.

⁸⁹ Inteira.

Enxuga as lágrimas,
Modera o sentimento, tão ferozes
Não são, não os Romanos. Sei que Lívio
Te contempla, te estima e te respeita.⁹⁰
Eu te facilitei a companhia
Tão amável de Erécia; e terás tudo
Quanto queiras de nós.⁹¹ Tu não vês como
O arraial te trata? Corre todo
A ver e a admirar a tua beleza.
Todos falam de ti, todos te adoram,
Todos por ti suspiram; mas nenhum
Se te atreve. Desterra as impressões
Que te fazem, talvez, as feias cores
Com que os teus Lusitanos nos retratam,
Muito mais horrorosos do que somos.
Vingada ficarás e a tua Pátria
Desse sangue vilmente derramado.
Roma tem um Catão...⁹²

ÓSMIA

E muitos Galbas.

FÁBIO

Que castigue a perfídia, inda que foram
Muitos mais do que julgas.

ÓSMIA

As paixões

Governam o Senado.

FÁBIO

Uma traição
Que seu nome infamou, mais do que ultraja
O Povo Lusitano! No seu mesmo
Arraial se detesta.

ÓSMIA

Mas em Roma
A falsa eloquência desse bárbaro
E os pingues despojos de um indigno,

⁹⁰ *Chora Ósmia.*

⁹¹ *Enxuga as lágrimas Ósmia.*

⁹² *Reforça a voz.*

Sobre traidor, avaro, lha desculpam,
Lha farão aprovar. Maior partido
Terá sempre a ambição, do que a virtude.
E por não magoar-te, virtuoso,
Político Romano; não aponto
Semelhantes, mil factos da República,
Porque podem mulheres, como os sábios,
Firmar as contingências do futuro,
Com a certa lembrança do passado.
O tempo to dirá! Conheço Roma.

FÁBIO

Porém o censor não. A probidade...

ÓSMIA

A probidade acusa e não resolve.
Com menos interesse nos deixámos
Enganar do pretor, do que acha o cônsul
No nosso abatimento. O bom do Estado
(Por um vício intestino do Governo)
Seus chefes interessa, muito menos
Que as aparentes glórias que decoram
Aqueles momentâneos consulados.
O número dos mortos é o artigo
Notável nos seus fastos. Sobre Roma,
E não sobre eles, caem as consequências.
Assim como o avaro, que desfruta
O estrangeiro prédio, só levado
De infame cobiça, as varas todas
Aproveita da cepa, por tirar-lhe
Toda, toda a substância em seu proveito,
Caduque, ou não caduque. Assim, senhor!
Os incivis cultores da República,
Esses ramos viçosos não decepam,
Que lhe aumentam os frutos no seu ano,
Inda que a Pátria acabe no seguinte.
Quando vir as Espanhas sublevadas,
Rirá talvez o cônsul, que não quis
Evitar-lhe com glória essas ruínas.

FÁBIO

Há-de satisfazer a Lusitânia.
E desengana-te, Ósmia, que o seu fim
Não é sacrificá-la; é sim fazê-la
Amiga dos Romanos. Quem melhor
Lhe pode autenticar esta verdade,
Que os mesmos prisioneiros: que sinceros

Lhe refiram, lhe contem, lhe ponderem
Os costumes, o trato, quanto perde
Na amizade de Roma? Este desejo
Até faz demorá-los, por querermos
Que tenham por costume, e não por arte,
Aquela humanidade, essa virtude,
(De que és especiosa testemunha)
Que já, sem vaidade, nos distingue
Dos mais povos da terra.⁹³ Se inda vives
Entre nós, como vives? Nós queremos
Distinguir teu valor e premiar
O teu merecimento.⁹⁴ Pouco crédito
Daríamos de nós e de tu mesma,
Regulando-os somente por um dom,
(Se bem que inestimável) que não mostra
Nem a tua virtude, nem a nossa.

ÓSMIA

Generoso Romano: olha que sei⁹⁵
O caminho da glória. E se não queres
Expor-te a uma afronta indigna, a ver
O teu dom abatido, recusado
Por uma vil escrava, faze-o digno
Do meu desinteresse. Só dous há
Que da mão dos Romanos... sim, lograssem
A honra de aceitá-los.

FÁBIO

Só dous?

ÓSMIA

Só.

O coração de Galba, ou quanto sangue
Há em todos os mais desses tiranos.

FÁBIO

Ou já seja constância, ou fantasia.
Essa resposta é digna das matronas...

ÓSMIA

Dize que é sentimento de Romana:⁹⁶

⁹³ *Ouve Ósmia com desprezo modesto.*

⁹⁴ *Sorri-se desdenhosa.*

⁹⁵ *Com bazófia.*

Tremerão de imitar-me!

FÁBIO

És heroína,
Mas Lívio te respeita, adora e estima.⁹⁷

CENA VI

ERÉCIA e ÓSMIA

ERÉCIA

És Ósmia? Aquela?...⁹⁸

ÓSMIA

Sim, aquela sou,⁹⁹
Que em ódio de Vénus vim ao mundo.
Essa Deusa cruel: Ela e o Filho,
Contra minha virtude conjurados,
Achando-me sensível, me tratarão!
Como se em seus altares nunca vissem
Meus ternos holocaustos. Se tivesse
O coração de Hipólito ou de Dafne.
Entre tantos horrores: crua guerra,
A Pátria desolada, escravidão,
Mortandade, traições. Amor, amor,
Amor só me confunde, só me assalta,
Precipita, desonra, e já me faz
Duvidar se triunfo, ou se me rendo.

ERÉCIA

Suposto lamentei ver-te esquecida
Desses tímidos, castos pensamentos,
Separando-te, como que fugias
Da defesa da minha companhia.
Teus discretos reparos, a inteireza
Da virtude com que ouves, com que acabas
De insultar o Romano, interessado
Pela paixão de Lívio, desfaziam
Toda a minha suspeita. Porém, Ósmia?...

⁹⁶ *Desdenhosa.*

⁹⁷ *Parte pela outra porta.*

⁹⁸ *Abraça-a.*

⁹⁹ *Aflita.*

Que desculpa não tens?

ÓSMIA

Que dizes?¹⁰⁰

ERÉCIA

Sim.

Que serão os agrados de um Romano ¹⁰¹
Gentil e namorado? Se as palavras
Indiferentes desse, que não mata
De gentileza e passa por severo,
Puderam cativar-me, mais que as práticas
Carinhosas e lânguidas dos nossos
Amáveis Lusitanos.

ÓSMIA

Vai-te Erécia,
De meus olhos te aparta. Um traidor vejo
Em cada Lusitano! Justos Deuses! ¹⁰²
De quem me fiarei, se eles me enganam?
Não te bastou, mulher! Apenas vês
Tântalo no arraial, o revelares-lhe
Uma fraqueza, que eu afogaria
No próprio sangue, e tu, por honra e crédito
Do nosso mesmo sexo, deverias
Levar religiosa à sepultura.
Mas dele subornada, pretenderes
Sondar traidoramente os mais recônditos
Arcanos da minha alma? Se o seu zelo
Bastou a insultar-me, que fizera
Munido com tais armas?

ERÉCIA

Sem razão
Me criminas: atende; eu não vi Tântalo,
Não, depois que por Ósmia te conheço;¹⁰³~
Nem ele imaginava que eras tu,
Essa de que falei. Se nos ouviste,
Estás fora de ti. Tão de mulher
Não era a reflexão. As circunstâncias
A faziam do caso e muito própria

¹⁰⁰ *Espantada.*

¹⁰¹ *Ósmia pasmada e confusa.*

¹⁰² *Erécia pasmada.*

¹⁰³ *Ósmia como que reflecte.*

Do teu susto primeiro. Se te fiz
Confidente do impulso lisonjeiro
Que minha alma sentiu, já tu me havias
Dado primeiro o exemplo; e foi somente
Pelo grande remorso, que me faz
Aquela austeridade, aquele escândalo,
Com que em Ósmia repreendo inexorável.
Uma paixão que em mim vejo excitar
Sem as suas desculpas.

ÓSMIA

Boa amiga.¹⁰⁴

De uma alma generosa é própria, é digna
Tua satisfação. Eu como tal
A considero, aceito, e ao mesmo tempo
Te suplico indulgente, com minha alma,
Aflita c'os amores desse bárbaro,
E c'os zelos de Tântalo. Agitada
Pela desconfiança do Romano
Ter Minuro comprado.

ERÉCIA

Sei calar-me.

Desenganarei Tântalo, eu te juro,
Da louca sem-razão do seu ciúme.
Eu o devo fez, e me condoo
Da tua desventura. Mas também
Não hás-de crimirar que não me exponha
A que outra vez me digas que me aparte
De teus olhos, que saia da tua tenda.¹⁰⁵

ÓSMIA

A teus pés, desse agravo...

CENA VII

ÓSMIA, LÍVIO *e depois* MINURO

LÍVIO

Entra, Minuro.¹⁰⁶

¹⁰⁴ *Abraça-a.*

¹⁰⁵ *Parte apressada e Ósmia a quer seguir.*

¹⁰⁶ *A Minuro.*

Não te detenhas, Ósmia. Sim, vai ver,
Vai ver o irmão de Erécia. Não te nego
Tanta consolação.

ÓSMIA

Senhor.¹⁰⁷

LÍVIO

Já fui,
Já fui escravo, sim, sei a alegria
Que te causará vê-lo.

ÓSMIA

A tua presença...¹⁰⁸
É já tão rara... e não...

LÍVIO

Se indiferente
Ela fora, ao menos, cuidadoso,
Solícito seria como de antes;
Porém desenganado já desse ódio,
Dessa aversão fatal e extravagante,
O último dos teus, preferir deves
A todos os Romanos. Entra, entra.

ÓSMIA

Se tu exceptuaras...

LÍVIO

Dize, acaba.

ÓSMIA

És meu senhor.

LÍVIO

E poderei pedir-te ¹⁰⁹
Que me obedeças?

¹⁰⁷ *Confusa e olhando para Minuro.*

¹⁰⁸ *Como antes, mas sem carregar demasiadamente e observando Minuro.*

¹⁰⁹ *Com agrado.*

ÓSMIA

Entro.¹¹⁰

CENA VIII

LÍVIO e MINURO

LÍVIO

Ah!, que Ósmia é outra!

Chamava-te, Minuro, resolutivo
A dar-lhe essa notícia; mas detive-me,
Vendo-a já na porta, pois de escravo
Poderia sabê-la. E por fim vejo
Tais efeitos da tua diligência,
Que assim tos agradeço.¹¹¹ Ósmia é já outra.
Dispõe da liberdade.¹¹² é virtuosa.
As cadeias do estado é que prendiam
Seus affectos primeiros. Insensível
Foi à morte?

MINURO

Senhor, tu te distingues
Dos mais Romanos tanto, que não creio
Que tornes a tirar-me o que tens dado.

LÍVIO

És livre.

MINURO

Pois modera esse alvoroço
E a novos combates te prepara.¹¹³

LÍVIO

Não me enganes, ingrato!

MINURO

¹¹⁰ *Entra.*

¹¹¹ *Abraça-o.*

¹¹² *Corteja-o com submissão.*

¹¹³ *Estremece Lívio.*

Antes reparo,
E como agradecido, aquela fé
Na parte em que faltou, que é um escravo
Incapaz de virtude. O prisioneiro
É o amante de Ósmia.

LÍVIO

Céus!

MINURO

Repara.

LÍVIO

Mas Ósmia tão sujeita, tão afável!

MINURO

Como nunca, senhor, pois como tu
A persuadias, tanto a obrigavas
A que entrasse na tenda e lhe auguravas
A alegria de vê-lo...

LÍVIO

Sim, Minuro.

MINURO

E ela parcial me imaginava
Dessa tua paixão, como se disse,
Duvidou que to houvesse revelado.
Assusta-se, não viste?

LÍVIO

Ah, que verdade!

MINURO

Mas tornou em si logo, porque a prática
Foi já menos equívoca. Responde-te,
Porém de mim os olhos não tirava.

LÍVIO

Agora é que reparo.

MINURO

E aquele agrado
Era puro artifício do receio
De poder entregar-se, e ao mesmo tempo,
Um estímulo forte a que tu não
Deixaras de sair, quando eu acaso
Te houvesse prevenido; da ironia
Passaras à verdade. Logo astuta,
Mal se tirou da dúvida, se val
Do primeiro pretexto com que ilude
A precisa resposta; e em vez de dá-la,
Te foge, ou se retira.

LÍVIO

E sofrerei?...

MINURO

Ela ama-te, senhor,¹¹⁴ e conheci-o
Antes de merecer-te a confiança
Que me fizeste.

LÍVIO

Dize.

MINURO

Mas desculpa-me,
Pois lhe dei contra ti funestas armas,
Renovando-lhe aqueles juramentos
Sagrados contra Roma.

LÍVIO

Assassinaste
Ao nascer esse amor, que lhe excitava
Minha acção generosa... Mas podias
Ter virtude? Que infame! E ainda dizes,
Mentiroso, que me ama?

MINURO

Foi então,
Então que o confirmei! Pois compreendia,
Mal a servia o pejo a equivocar

¹¹⁴ *Espanta-se Lívio.*

Com os sagrados nomes de amizade,
De reconhecimento, aquele afecto
Que tanto sobressai, e ainda oculto,
A má fé não se esconde. Já a movia
Teu sangue derramado. Já culpava
Os Deuses vingativos: (temerário
Recurso da fraqueza, ou da vaidosa
Soberba dos mortais) e já negava.
E por fim me defende descobrir-te
A morte de Ragúcio: não sabia
Desculpar-se inocente, e já turvada
Me quis satisfazer arrependida.
Mas quando viu Erécia, (olha, senhor,
O que vou revelar-te! não o sonhe
Algum dos Lusitanos, o seu ódio
Me houvera de tratar, como fez Ósmia,
Já de traidor à Pátria) curioso
Escutei e ouvi um tal combate
De virtude e de amor, que o coração
Me saía do peito e me faltavam
De suspensão e lástima tais lágrimas,
Que os soluços me obrigam a deixar
A começada empresa, por temer
Que eles me descobrissem. Irritada
É toda essa constância; o tom severo,
Seu carácter não é para com Lívio.
Teme a sua fraqueza, e não podendo
Suportar, resistir aos teus combates,
Com aquelas fantasmas, sombras vãs,
Monstruosas imagens contrafeitas
Da virtude que amor soube vencer,
Como te disse já, quer evitá-los.
A tua desistência, o teu receio
É que podem salvá-la.

LÍVIO

E conseguira-o,
Quando minhas finezas não triunfassem.
Mas se esta paixão cega escureceu
Numa alma generosa, qual a minha,
Aquele esforço nobre com que todas
Até hoje venci: não fora indigno
Que deixasse nos braços de um escravo
Aquele heróico prémio, que restaura
Quanta glória perdi? Fora a vileza
No seu mesmo arraial, ter um Romano,
Um competidor bárbaro. E sofrer
Que triunfem carícias e molezas
De um sangue que costume vender caro.

Impossível enfim que o meu ciúme
Entregue a um amante, a um amado;
Aquela companhia que zelara
Dos olhos, pensamentos, sim, da sombra,
Do nome de varão. São os Romanos
Tão grandes na vingança, como são
Na generosidade.

MINURO

A Lusitana

Uma paixão venceu, que era maior
Que essa que tem por Lívio. Nem a tua
Equivale à de Tântalo. O rancor
Que tem contra os Romanos não é menos
Poderoso que aquela obediência,
Nem por menor virtude ela o reputa.
É heroína... teme...

LÍVIO

Sairei

Em mui poucos minutos dessas dúvidas,
Mais fatais para mim que as consequências;
Ver-me-ei antes com Fábio, saberei
O que lhe disse a falsa; e porque não
(Faltando tu) conforme ela suspeita,
que já lhe conhecestes quando entrámos,
demora-te esta noite. Amanhecendo
te farei escoltar.

MINURO

Olha, senhor,
Que já me prometeste...

LÍVIO

Já és livre;
Porque me disse, ingrata, que me amava.

FIM DO ACTO SEGUNDO

ACTO TERCEIRO

CENA I

TÂNTALO *e depois* MINURO.
Sai TÂNTALO da tenda de ERÉCIA.

TÂNTALO

Minuro.

MINURO

Quem?... Ó Tântalo, já tive
A mágoa de te ver.

TÂNTALO

E demoraste
Essa consolação de te abraçar ¹¹⁵
Já depois de chorado, como perda
Tão sensível à Pátria, como amigo,
O mais fiel, mais íntimo?

MINURO

Era Escravo.

TÂNTALO

Pois tens a liberdade?

MINURO

Neste instante
Acabou o Romano de acordar-ma.

TÂNTALO

E seria com Ósmia igualmente
Generoso?

MINURO

Não sei, é recitado.

¹¹⁵ *Abraça-o, e a Minuro parece que lhe caem os braços.*

Eu nunca lhe pedi, nem a esperava.

TÂNTALO

Que suspeita me dás, de que o Romano
Da desgraçada Ósmia namorado.
Talvez lisonjeando-te da acção
Que por ela fizera e interpretando
A seu favor aquelas naturais
Singelezas, sorrisos e carícias
Do seu génio cortês, brando e afável,
Não aparte da sua companhia
Um Lusitano austero, o virtuoso
Minuro; e substitua um vil escravo,
Não só seu parcial, mas que não dê
Sujeição a cativa.

MINURO

 Não me afasto
Desse teu pensamento, inda que nunca
Vi no braço romano, que inda ignora
A morte de Ragúcio, mais que horror
Ao nefando adultério; e na heroína
Aqueles pensamentos puros, dignos,
Que tu melhor do que eu deves supor
Da castidade de Ósmia.

TÂNTALO

 Infame Erécia!
Emulação do sexo, a quanto chegas!
Infeliz formosura!

MINURO

 No arraial
Todas as mais cativas lhe desejam
Beber o sangue, não as satisfaz
Macularem-lhe a honra. Tanto pode
O seu merecimento e a distinção
Com que o senhor a trata.

TÂNTALO

 Mas, Minuro...
Divulgada que seja no arraial
A morte de Ragúcio, falta o freio
Que o detinha. E quem, se tu te ausentas,
Conterá a violência?...

MINURO

Uma virtude
Que não cede às paixões nem à fortuna.

TÂNTALO

Mas cederá à desgraça.

MINURO

Se ela fora
Minha filha, eu to juro, eu a deixara.

TÂNTALO

Tal é sua virtude? Tanto fias?...

MINURO

Por largar as cadeias, nem eu sei
Se menos lhe bastara.

TÂNTALO

Inestimável
Foi sempre a liberdade; mas a honra!...

MINURO

Sou querido não sou, nem seu amante.
Em qualquer destes casos pode ser
Que também vacilara. Mui contígua
Fica a tua barraca; tu que as temes,
Evita as consequências.

CENA II

ÓSMIA *e ditos*

ÓSMIA

Não ouviram
Tocar a recolher?¹¹⁶ Inda os clarins
Estão soando.

¹¹⁶ *Como que escutam Tântalo e Minuro.*

TÂNTALO

Vou, mas felicita
A Minuro.

ÓSMIA

De quê?

TÂNTALO

Da liberdade.¹¹⁷
Augurando-te...

ÓSMIA

Não. Tão vergonhosa
Não a quisera Ósmia.

TÂNTALO

Vergonhosa!
Quando chega a alcançá-la sem pedi-la.

ÓSMIA

Olha como se cala! Que mais prova
Daquele modo infame, porque o vil
A terá merecido.

MINURO

Este é o pago...

ÓSMIA

De quê, traidor? De seres o primeiro
Que se atreveu no mundo a suspeitar
Contra a minha virtude!

TÂNTALO

Enganas-te, Ósmia.

ÓSMIA

Não o conheces, Tântalo.

¹¹⁷ *Assusta-se Ósmia.*

MINURO

Responde.¹¹⁸

ÓSMIA

Responde tu. Pois negas que intentaste
Sugerir-me a fortuna do consórcio...
Temerário, de Lívio, de um Romano?

MINURO

Discorria no caso de cair
Ou de render-se a Pátria; e da amizade
Da República...

ÓSMIA

Basta.

TÂNTALO

Ele de ti
Me falou, como eu de ti falara,
Como sempre quisera que de mim
Falasse o mundo.

ÓSMIA

Basta; mas repara,
Ardiloso Minuro... Atende, sabe
Que das últimas vozes que me ouviste
Dar a Lívio, (talvez as mais afáveis
Que ouviu, nem ouvirá da boca de Ósmia)
Tu, Minuro, tu; sim, tu foste a causa.

MINURO

Assim o presumi. Desconfiavas
Das palavras equívocas de Lívio,
Que eu lhe tivesse, infame, revelado
Os amores de Tântalo. Porém
Não te desenganaste? Como ainda
Me criminas, injusta? Esse furor
Ou cego amor da Pátria, que ta fazem
Ter por inexpugnável e invencível;
Basta a julgares todos, que ta pintam,

¹¹⁸ *A Tântalo.*

Senão menos zelosos, mais sisudos;
Traidores contra ela e contra ti.

ÓSMIA

Conheço-te, Minuro.¹¹⁹ Vai-te em paz.
Olha que to diz Ósmia: não é essa
Que tu figuras. Teme revelar
O teu vil pensamento, com receio
De ficar mentiroso. Tarde ou cedo
Tu a conhecerás.

MINURO

Senhora.

ÓSMIA
Vai-te.¹²⁰

CENA III

ÓSMIA e TÂNTALO

ÓSMIA

E tu, Tântalo, já que os Céus quiseram
Punir no teu conceito pela minha
Reputação perdida; quando creste
Mais a fé duvidosa de um traidor,
De um parcial de Lívio,¹²¹ que talvez
Com falsas esperanças, vãos pretextos
E c'um tráfico vil da minha honra
Negociasse a sua liberdade.
Do que a longa constante experiência
De uma heroína virtude, que bem posso
Chamar-lhe assim, só eu soube os limites
Dessa cruel paixão. Mais do que a fé,
Que sempre mereceu minha palavra;
Que assim sois os zelosos...

TÂNTALO

Ah!, perdoa,
Desculpa o meu ciúme. Ele era injusto,

¹¹⁹ *Dando à cabeça.*

¹²⁰ *Parte Minuro.*

¹²¹ *Sobressalta-se Tântalo.*

Porém era fundado e contra ti
Arguía a suspeita. Tu eras parte.

ÓSMIA

Dei-me por satisfeita. Porém já
Que tens facilidade de sair
Deste arraial...

TÂNTALO

Mas, Ósmia!, hei-de deixar-te
Nas mãos desse Romano?

ÓSMIA

Se tu zelas
A minha honestidade...

TÂNTALO

Zelo e amo;
Mas não posso negar-te que renovas
Com essa persuasão cruéis ciúmes.¹²²
Parte Minuro, Erécia lisonjeia-se
De assegurar c'o a minha companhia
O seu, o teu recato.

ÓSMIA

És Lusitano!
E vês arder a Pátria; tu que podes
Melhor que nenhum outro socorrê-la,
Pelos teus marciais grandes talentos!
Recobrar com teu nome aqueles ânimos
Abatidos, talvez, por lhes faltar
Um capitão esperto! Restaurar
O crédito das armas e vingar
No sangue do pretor esse inocente
Que viste derramado! Tens as portas
Abertas com desonra da Nação!
Podes fugir comigo e não te atreves
A deixar-me por ela! De um suspiro,
De uma lágrima só não foras digno,
Se jamais te pudera imaginar
Capaz dessa fraqueza.

TÂNTALO

¹²² *Dá Ósmia sinal de si.*

Ah, Ósmia!

ÓSMIA

Tântalo!

Amas a honra? Mentas, ou não sabes
Entendê-la. Que vulgo faz na honra
Expor duas mulheres (que ninguém
Pode guardar, só elas se defendem)
Para ver expirar (sem a perderes)
A agonizante Pátria, adormecido
No seio da paixão; como te engana!
A moleza, a ternura, é que zelosas
Das coroas, que vem das mãos da glória,
Te trazem indeciso, assim te encantam,
Te fazem preferir ao verde louro
Frágil, pálido mirto. Erécia esconde
Um punhal no regaço; e Ósmia, é Ósmia.
Essa tua demora a manhã cobre
De infâmia a sua honra, divulgado
O nosso amor porém; e quem responde
Pela vida de Tântalo nas mãos
Do ciúme de um bárbaro, que perde,
(Tão cego está por mim) o generoso
Desinteresse, humano e gracioso,
Com que sempre tratou a liberdade
Das ditosas mulheres suas escravas.
Na tua vida, Tântalo, talvez
Que esteja a da cativa Lusitânia.
Nada perde nos braços, nas cabeças
Destas duas mulheres. De que servem?
Sem forças, sem ensino. Parte, Tântalo.

TÂNTALO

Já partirei; mas ouve...

ÓSMIA

Não te escuto.
Vê que a posteridade é mui severa:
Murmura dos heróis, porque beijaram
As cadeias que largam. Parte, parte,
Parte, Tântalo, e já.

TÂNTALO

Sim... partirei...
Partirei sim... cruel; mas vai comigo

Mais ardente que nunca o meu ciúme...

ÓSMIA

Se tornas às injúrias...

TÂNTALO

Se tu...

ÓSMIA

Cala-te.

Já não é das menores presumir
Que no coração de Ósmia ardam por ti
Relíquias de paixão, restos de amor.
E toda a liberdade c'o ele expira.
Não me insultes e vai-te.

TÂNTALO

No tirano

Banharei...

ÓSMIA

Não te ofende, não me afronta.

TÂNTALO

Não me ofende! Não te ama?

ÓSMIA

E que domínio
Tens hoje sobre mim? Vai-te... ou...

TÂNTALO

Senhora!¹²³

ÓSMIA

Que gemidos!...¹²⁴ Não ouves?

TÂNTALO

¹²³ *Ajoelha.*

¹²⁴ *Como que os escuta.*

Quem?¹²⁵

ÓSMIA

A Pátria.

TÂNTALO

Impostora...¹²⁶ te vales do sagrado...

ÓSMIA

Ó Romanos! Vingai, ou matei Ósmia.¹²⁷

TÂNTALO

Retiro-me, cruel; porém não parto.¹²⁸

CENA IV

ÓSMIA e depois RAGÚCIO vestido como soldado romano

ÓSMIA

Para tantos assaltos, que virtude
Me fortalece!¹²⁹ Deuses... Sonho, ou vejo...
É fantasia... É sombra?

RAGÚCIO

É animado
Do furor do ciúme um Lusitano.
É teu marido: Jura.¹³⁰ Que te espanta?
Que estranhas?

ÓSMIA

Céus!

RAGÚCIO

Assim, assim trajava

¹²⁵ *Assustado.*

¹²⁶ *Levanta-se furioso.*

¹²⁷ *Como que quer que a ouçam.*

¹²⁸ *Parte.*

¹²⁹ *Entra Ragúcio.*

¹³⁰ *Brandamente e com ênfase.*

O teu libertador.¹³¹ Este assassino
Da minha honra.

ÓSMIA

Ó Deuses! O ciúme
Te faz blasfemo.

RAGÚCIO

Jura de dizer-me
A verdade, protesta...

ÓSMIA

Juro.

RAGÚCIO

Agora
Lembra-te do castigo com que os Deuses
Fulminam os perjuros. E que o sangue
Dos agressores lava toda a mancha
Que eles deixam na honra. Vive o adúltero?

ÓSMIA

Por morto no conflito, um vil escravo
Te deu no arraial.

RAGÚCIO

Com menos susto
Respira teu marido. não é tão
Execranda a violência. Mais desculpa
Tem a tua fraqueza... continua.

ÓSMIA

Fraqueza, nem violência...

RAGÚCIO

Dize, acaba.

ÓSMIA

Cedeu, nem triunfou. Conserva intacta

¹³¹ *Reforça a voz.*

A tua, a sua honra esta consorte;
Obrigada, servida, requestada
No romano arraial; porém fuja-mos.¹³²

RAGÚCIO

E terei coração para perder-te,
Para expor-te, depois de te encontrar,
Não só esposa casta, mas heroína?¹³³

ÓSMIA

Mas dize-me, senhor: Tu não entraste
Agora no arraial? Por onde entraste
Não poderás sair?

RAGÚCIO

O desertor
Que me largou a farda ponderou
Tais riscos, tais perigos...

ÓSMIA

O contrário
Dizem os prisioneiros que hoje entraram.

RAGÚCIO

Porém uma mulher não vi no campo.
Ou fosse acaso, ou seja disciplina,
Estranho se fará.

ÓSMIA

E se te apanham?
E se te reconhecem? Como espia
Te verei afrontar! Deuses!¹³⁴ Quem sabe
Se a cegueira de Lívio, que jurou
De si não separar-me enquanto vivo:
(Apesar da virtude que o contém)
Pretextará, talvez para violar-me,
O teu atroz delito que as Leis punem
Com a última pena.

RAGÚCIO

¹³² *Vai a pegar-lhe na mão.*

¹³³ *Abraça-o.*

¹³⁴ *Suspensa por alguns instantes.*

Ósmia, sossega.

ÓSMIA

Contigo no arraial?

RAGÚCIO

Cuido que a hora
Nos tira de cuidado. Ou sempre é livre
A entrada na tenda das escravas
A seu senhor?

ÓSMIA

Não sei; mas Lívio nunca
Tomou tal liberdade, não depois
Do toque que escutaste. Porém dize-me:
Essa voz que espalharam da tua morte,
Tão circunstanciada, teve algum
Motivo ou fundamento? Ou foi traição
Daquele infame escravo?

RAGÚCIO

Teve todo.
Três dias, como morto, entre os cadáveres,
Esvaindo-me em sangue, a triste vida
Sustentei; restaurando (dizem físicos)
Aquele que perdera, com o muito
Que bebesse talvez, e em que nadava
O malfadado campo. A fria chuva
Que sobreveio na terceira noite
Estremece o cadáver e os espíritos
Se chegam a animar, lá quando o sangue
Coagulado as feridas tapa.
Fugiram as matronas assustadas
Que guardavam as cinzas e enxotavam
Dos corpos dos maridos que já ardiam
Os abutres, os corvos insaciáveis.
Tão estranhos lhes foram meus gemidos,
Que de espíritos maus os reputaram!
Mas lembrando-lhes logo que seriam
Talvez de algum Romano, atrás voltaram
Por fazê-lo em pedaços, como tinham
Praticado com quantos encontraram;
Por cevar sua cólera e os deixarem
(Ah, que insanas!) mais fáceis, mais pastosos
Às carniceiras aves. Elas foram
As que assim o contaram, no lugar
Aonde me arrastou sua piedade.

Convalescente já (Céu!) que imprudentes,
Os ou malévolos somos! Dous amigos,
Ou dous atraídoados me pintaram
Com cores tão funestas o estupendo,
Apaixonado modo com que um cabo
(À custa dos eu sangue e derramado
O dos Romanos) viva e sã.
Em triunfo do braço te levava;
Que sentiria menos, cara esposa,
Que morta te deixasse. Tão convulso
E tão fora de mim me viram logo,
Um sobressalto tal sentiu minha alma,
E tal meu corpo...

ÓSMIA

Deuses!

RAGÚCIO

Que de novo
Se soltam a correr quantas feridas
O cobriam; devoro-me, perdi
Todo o conhecimento. Furioso,
Para me assassinar a mão lançava
Ao punhal, à espada; o mesmo sangue
Que perdi me restaura. Apenas pude
Deixar o leito, meus primeiros passos
Ao arraial me trazem. Engenhosos,
O ciúme, a vingança, amor, a honra
Até'qui me guiaram.

ÓSMIA

Ah!, fujaamos.
Fujaamos do arraial. Casta Diana,
Meus rogos escutaste. Sim, a Deusa
Viu o termo infeliz a que chegava
Minha reputação. Este Romano...
Cortês aspira ao prêmio; quis devê-lo...
Mais às ânsias que à força...

RAGÚCIO

Dize, acaba.

ÓSMIA

Obrigando-me, sim, não constringendo-me.
Mas temo que, informado pelo escravo,

Que traidor!, desse zelo generoso
Com que Tântalo...

RAGÚCIO

Tântalo?¹³⁵

ÓSMIA

Que está
Também prisioneiro no arraial,
Me queria salvar das mãos do bárbaro...

RAGÚCIO

Mais o temeram, Ósmia, que o Romano.

ÓSMIA

Eu te chorava morto, mas honrava-te.
Por isso preferi o cativo
À liberdade. Temo, e muito temo,
Que passe da veemência das pelos
À decisão da força.

RAGÚCIO

Este punhal¹³⁶
Te salvará enquanto vou tentar
A vereda ou o passo.

ÓSMIA

Vou contigo.

RAGÚCIO

O medo te confunde. Se ele acaso
Entretanto vier, não lhe resistas.

ÓSMIA

E tu deliras?

RAGÚCIO

¹³⁵ *Espanta-se.*

¹³⁶ *Tira e dá-lhe o punhal, ela o recusa com alguma demonstração modo do que o susto; porém de sorte que Ragúcio não deve desconfiar.*

Não. Toma o punhal,¹³⁷
Carinhosa lhe fala, e com pretexto
De pudor, o conduz fora do campo,
A distância em que em vão possa chamar,
Já com lânguida voz, em seu socorro
As patrulhas e guardas. E atravessa
O coração do bárbaro.¹³⁸ Desarma-te
A imagem da morte do...¹³⁹ Perjura.

ÓSMIA

O Romano... Ragúcio... Aqui te salva...¹⁴⁰

RAGÚCIO

Não deixo assassinar-te tão vilmente...¹⁴¹

ÓSMIA

Que te perco e me perdes.

RAGÚCIO

Tu por ele,
Não por mim estremece.

ÓSMIA

Os teus dias,
Mais caros do que os meus... mata-me, ou entra.

RAGÚCIO

Por vingar-me de ti. Sim, por te ver
Expirar de vergonha...

ÓSMIA

Ah, entra...

RAGÚCIO

Entro.

¹³⁷ *Pega-lhe com susto e de má vontade, ficando-lhe o cabo para o chão.*

¹³⁸ *Cai-lhe o punhal e ela o apanha como insensata.*

¹³⁹ *Aparece um grande clarão na tenda que entrará pela porta. Ósmia corre a ele e abre-a alguma cousa, isto é vivíssimo, e uma, e outra vez vai e volta instantaneamente, como o caso o pede.*

¹⁴⁰ *Na tal comunicação para a tenda de Erécia.*

¹⁴¹ *Tira a espada.*

Entregas-me, traidora?

ÓSMIA

Eu entregar-te!

ÓSMIA

Nem já me satisfazes, se o não matas.¹⁴²

CENA V

LÍVIO e ÓSMIA

LÍVIO

Ósmia?

ÓSMIA

Senhor.¹⁴³

LÍVIO

Não tremas, mas não querias
Do pejo de donzela, não, que tanto,
Tanto que me enganou! Nem da constante
Virtude de casada, com que tu
Me trouxeste iludido!¹⁴⁴ formar outro
Argumento infalível de poderes
Também como heroína e mulher forte,
(Que da virtude das Romanas mofa)
Zombar hoje de Lívio. A mesma honra
Com que te pretendi como inocente;
Com que te respeitei como casada,
Obriga a que não sofra quando és livre,
Escusas que a afrontam, com injúria
Do sangue que me anima e desse nome
De cidadão romano. Não são ímpios
Os lusitanos ritos; não defendem,
Não, as segundas núpcias. Esse horror
De seres a primeira Lusitana
Que recebe em seu leito a um quirite,
Meu exemplo o desfaz; sendo também

¹⁴² *Entra.*

¹⁴³ *Tremendo, mas sem excesso.*

¹⁴⁴ *Dá Ósmia sinal de si.*

O primeiro Romano que o cedeu
 À lusitana escrava. Não são elas
 Mais dignas que as civis mulheres livres
 Da Cit'rior Espanha. Por vaidade
 Tem nossos casamentos. O meu sangue
 O teu salvou; e não, não te encareço
 Este excesso; por mim, que não por Ósmia,
 O expus, derramei. Mas os extremos
 Que se seguiram! Bárbara, cruel!
 Um coração de ferro abrandariam;
 Não abrandam o teu. Olha o fim santo!
 A minha mão te dava (quando o sangue
 De que me vês coberto me tirava
 Toda a humana esperança de abraçar-te)
 Por te salvar a honra. Sobre a areia
 Dele tinta escrevi com esta espada.
 Que escândalo, ah cruel!, inda vertia
 O de tantos Romanos, sim, por ti.
 Por ti assassinados; escrevi
 Na face deles mesmos a favor
 Dessa mesma inimiga que os matara;
 Minha última vontade: Tu a leste.
 Se desinteressada a desprezaste;
 Se soberba te apressas a apagá-la;
 Desdenhosa e colérica a pisaste.
 Não abates a acção. Não. Nem a tua
 Me deixou de ser grata. O que devia
 Qualquer de nós obrava. Não se enganam
 Os Romanos com Roma; generosos
 Adoram a virtude aonde a acham.
 Nem te culpo o temor, não, de a arriscares,
 Descobrimo-me a morte de Ragúcio.
 Tudo minha paixão faz reçar.
 Nem quero já valer-me do domínio
 Que tenho sobre a vida e liberdade;
 Se desta sou senhor, por conquistá-la,
 Daquela o sou também por ta haver dado.
 Amor, poder, não bastam no meu ânimo
 Para justificar acções indignas
 Da razão, consciência, da Justiça,
 Ou da humanidade: Armas terríveis
 Que defendem os fracos. mas os zelos,
 Os zelos de um escravo,¹⁴⁵ são mais fortes
 Do que a minha virtude; tanto os teme,
 Que já dobrei as guardas,¹⁴⁶ receando
 (Ou como comandante, ou como Lívio)
 algum louco atentado pelo amor,

¹⁴⁵ *Torna Ósmia a dar sinal de si.*

¹⁴⁶ *Outro sobressalto.*

Ou pelo atrevimento suscitado:
Que lhe fora igualmente vergonhoso,
Ou amante, ou soldado. Na tua tenda
A tais horas entrei, porque já salva
A tua mão de esposa,¹⁴⁷ todo o escândalo
Que disso resultara; determina-te
A conceder-ma já.¹⁴⁸ Deténs-te? fala:
Uma desculpa dá que satisfaça,
Que convença, que abata, que destrua
A força das razões com que desarmo
O teu capricho. Não, não são meus olhos
Tão cegos que não vejam no teu peito
Sensível ao amor e à piedade
Os estragos que faz no ódio romano
A virtude de Lívio. Sou domável,
Eu quis-te por mulher, eras casada.
Hesitei? Vê se tens uma desculpa
Equivalente a essa. verás logo
Ceder Lívio.¹⁴⁹ Não falas? Má, ou boa,
Uma desculpa dá.

ÓSMIA

Sou Lusitana.¹⁵⁰

LÍVIO

Sou Romano:¹⁵¹ Cruel!¹⁵² A Roma ultrajas,¹⁵³
Não a Lívio. Traidor segunda vez
Não serei contra a Pátria, não; sofrendo-te
No seu mesmo arraial, essa vaidade
De sacrificar Lívio, por quem morres;
Ao desprezo que fazes da República.

ÓSMIA

Por quem morres?...

LÍVIO

Minuro...

ÓSMIA

¹⁴⁷ *Assusta-se.*

¹⁴⁸ *Suspira e põe os olhos no Céu quando Lívio estende a sua.*

¹⁴⁹ *Com brandura.*

¹⁵⁰ *Inteira.*

¹⁵¹ *Irado.*

¹⁵² *Patética.*

¹⁵³ *Forte.*

Esse traidor
Poderá enganar-te com fantásticas,
Lisonjeiras mentiras, com que compre
A sua liberdade; se és tão fácil,
Que de um traidor te fias; porém ler
Cá dentro na minha alma...

LÍVIO

Ah, que ele a viu
Fora do peito já.¹⁵⁴

ÓSMIA

Quando? Traidor!

LÍVIO

Quando nele, cruel, já não cabia
A paixão monstruosa, e desabafas
Com Erécia...¹⁵⁵ Mentias ou falava
O coração... Confundes-te? ouviu tudo.

ÓSMIA

Generosas também as Lusitanas,¹⁵⁶
Ainda a sombra da virtude admiram
Nos bárbaros Romanos, tão estranha
Se lhes faz! Não querias que louvasse
Aquele esforço bravo que te expôs
A dar por mim a vida? Aonde viste,
Aonde a formosura sem vaidade?
Ostentam, encarecem os triunfos
Por mais modestas e por mais sisudas
Que sejam as matronas, quando a vem
Assombrada, ou receiam repetida.
Ainda que contigo a natureza
Tão pródiga não fora, eu te fizera
Aos olhos de Erécia virtuoso,
Por uma emulação do fraco sexo:
Por mostrar o poder dessa caduca,
Instantânea beleza, que devera,
Não das felicidades, mas entrar
No número infinito das misérias,
Com que o lança no mundo a natureza,

¹⁵⁴ *Ósmia estranhando.*

¹⁵⁵ *Estremece Ósmia.*

¹⁵⁶ *Inteira e desdenhosa.*

Parece que indignada.¹⁵⁷ Enfim, jurei
O ódio aos Romanos. sim, eu te amo,
Eu te distingo, adoro, sou sensível...

LÍVIO

És prudente e discreta; és racional.¹⁵⁸

ÓSMIA

Mas perjura não sou. Estimo Lívio,
Mas detesto os Romanos. como posso
Unir estes extremos?

LÍVIO

Triunfando
A força da fraqueza.

ÓSMIA

Pois triunfa,¹⁵⁹
Triunfa da paixão. Conserva ileso
Minha religião, minha virtude.
Vale menos a vida: que me deste?
Se tão cara ma vendes!...

LÍVIO

Ah, cruel!

ÓSMIA

Tua escrava sou. Sou Lusitana.
Sou o ódio de Roma. Porém tu,
Se te esqueceste dele para dar-ma,
(Acção que se lerá nunca nos fastos
da magnífica Roma, se a malogras)
Serias tão tirano, que pudesses
Ver-me expirar sem honra e liberdade;
Cousa que não negaste, nem àquele
Mais indigno de ver a luz do dia.

LÍVIO

Levanta-te, cruel.¹⁶⁰

¹⁵⁷ *Forte.*

¹⁵⁸ *Satisfeito.*

¹⁵⁹ *Ajoelha e chora.*

ÓSMIA

Assim exaltas
Mais a tua virtude. Não te exponhas
A vê-la desmaiada e abatida
Aos pés de uma mulher! Em vão, em vão
Te arrependerás, Lívio! Esta fraqueza
Do sexo se compensa na cegueira
E na temeridade com que empreende
Acções de que estremece o que é mais forte.
Engrandece o teu nome, o dos Romanos.
Faze um milagre desses que nos contam,
Obrados sempre com remotas gentes.
Não seja a Lusitânia só teatro
Das infâmias de Roma. Eu lhe protesto,
Se tal acção fizeres, ainda à vista
Da traição do pretor, que não padeça
A honra da República.

LÍVIO

Levanta-te.
E lembra-te, cruel, que inda respiro.
Que jurei de não dar-te a liberdade.
Também não sou perjuro.

ÓSMIA

Nem por ela ¹⁶¹
Me veria a seus pés algum Romano.
Por um marido...

LÍVIO

É morto: que sacrifício!
E que vivesse, ingrata, és minha escrava.

ÓSMIA

Vive Ragúcio, bárbaro, respeita
Sua consorte.

LÍVIO

Vive!

¹⁶⁰ *Aflito e sempre pensativo.*

¹⁶¹ *Levanta-se furiosa.*

ÓSMIA

Sim, respeita,
Se tens religião... treme... Já impunha
A lusitana espada...¹⁶²

LÍVIO

Tu deliras.
Enquanto duvidava se era vivo,
Queres intimidar-me, (que enganada
Talvez do seu ciúme) com dizer
Que viria afrontar-me no meu mesmo
Arraial; que vaidosa! À tua vista
Seria justicado.¹⁶³ Agora esperas
Que torne dos Elísios, por livrar
A esposa imprudente, a quem honrara
Um consorte Romano! Se pudera
Deixar essa morada, só seria
Por tirar-te dos braços desse amante,
Que talvez lá nos campos venturosos,
Inda depois de morto, como em vida,
Lhe perturbe o sossego que os mais logram.
Com ele te viu Fábio, tu mo ocultas:
Com semblante iracundo, tu chorosa.
Não cedas à razão, pois cede à força.¹⁶⁴

ÓSMIA

Assassino-te, Lívio.

LÍVIO

Temerária.¹⁶⁵

ÓSMIA

E morrerai escrava!¹⁶⁶

LÍVIO

Quando tinha
Mais razão de temer-te, a minha espada
Te cedo e não te atreves. Eu mereço-to?...¹⁶⁷

¹⁶² *Olha para onde ele está escondido.*

¹⁶³ *Estremece Ósmia.*

¹⁶⁴ *Corre para Ósmia e ela tira e levanta o punhal com valentia.*

¹⁶⁵ *Recuando.*

¹⁶⁶ *Volta-o para si e cai-lhe o braço.*

¹⁶⁷ *Pateticamente.*

Assustar-me-ás agora!

ÓSMIA

Sim.¹⁶⁸

LÍVIO

Pois mata-me.¹⁶⁹

ÓSMIA

Mata-me tu,¹⁷⁰ Romano, que já tens
Embotada no sangue das matronas
Lusitanas a espada.

LÍVIO

E Ósmia é quem...
É quem mo lança em rosto! Tão fundados
São os mais impropérios. Já és livre:
Que mais queres, cruel? Mata-me.¹⁷¹

ÓSMIA

Morre.¹⁷²

Mas tu que me fizeste? Em que me ofendes?
Tu não me deste a vida? Respeitaste
O honrado marido? (Se me calo!...
Porém se falo!... Deuses!) Não perdeste
O teu sangue por mim? Ileso, intacto,
O meu pudor conservas? Tens a força
E recorres às lágrimas? Lei bárbara...
Nem já me satisfazes, se o não matas.
Lei bárbara da honra. Leis severas
Da virtude imutável.¹⁷³ Tu não sabes
O susto que me anima. Que serpentes
O coração enlaçam! Quais as fúrias
Que me agitam!... Venceste, caro esposo,
Triunfaste, Ragúcio.

LÍVIO

¹⁶⁸ *Resoluta.*

¹⁶⁹ *Chega-se a Ósmia.*

¹⁷⁰ *Caem-lhe os braços.*

¹⁷¹ *Pega na mão de Ósmia por surpresa, ajoelha e abaixa a cabeça para o golpe.*

¹⁷² *Levanta o punhal com resolução e deixa cair o braço.*

¹⁷³ *A Lívio moderada e, pegando-lhe pela mão, o levanta e deita os olhos para o lugar em que está Ragúcio.*

Tu deliras?

ÓSMIA

Que Diana me abrasa, me enche o peito
Daquela ardente chama, que em teus braços
A alma nunca provou nem a cendou
A ressentida Vénus.

LÍVIO

Larga, ingrata,
O punhal e verás.¹⁷⁴

ÓSMIA

Ingrata!¹⁷⁵ Ingrata!
Ó virtude!¹⁷⁶ Sou Ósmia. Sou casada.
Sou Lusitana.¹⁷⁷

LÍVIO

Ah, bárbara!¹⁷⁸ Minuro.

CENA VI

MINURO, FÁBIO, *a guarda, e depois* RAGÚCIO, TÂNTALO, ERÉCIA,
cada um por sua vez, segundo falam, e ditos.

MINURO

Mas que vejo, senhor!

LÍVIO

Matou-se.

RAGÚCIO

Acaba,¹⁷⁹

Temerário, cruel!

¹⁷⁴ *Quer tirar-lhe o punhal.*

¹⁷⁵ *Reforçando a voz.*

¹⁷⁶ *Muda em tom furibundo.*

¹⁷⁷ *Crava o punhal no lado e quer socorrê-la Lívio, porém não deixa tocar-lhe.*

¹⁷⁸ *Gritando.*

¹⁷⁹ *Com a espada feita e sem saber a quem há-de ferir; Lívio empunha a sua.*

ÓSMIA

Suspende, é tarde.

MINURO

Detém, Ragúcio.

LÍVIO

Céus! vive Ragúcio!

TÂNTALO

Que rumor?¹⁸⁰

ERÉCIA

Ósmia, cara!¹⁸¹

ÓSMIA

Todos, todos
Contra mim conjurastes.¹⁸² Com que glória
Vos vejo desmaiados! Mas... ó Deuses!
Estes são os heróis que preservastes?
Lusitânia infeliz! Insultam, vendem,
Expõem e não se atrevem... (vis cobardes...)
Salva o tímido esposo, salva Lívio.
E permite, Senhor, que as minhas cinzas
Vão descansar em paz na Lusitânia.
Cerra-me os olhos tu.¹⁸³ Ó honra!¹⁸⁴ Ó
Pátria!¹⁸⁵

FIM

¹⁸⁰ *Espanta-se.*

¹⁸¹ *Pasma.*

¹⁸² *Inteira e correndo todos com os olhos.*

¹⁸³ *A Ragúcio.*

¹⁸⁴ *Desanimada.*

¹⁸⁵ *Sustenta-a Erécia, cai-lhe o punhal e o pescoço sobre o ombro; e cai o pano do teatro.*

Transcrição de José Barbosa Machado a partir da edição de 1804 (Manuel de Figueiredo, *Teatro*, Lisboa, Impressão Régia, tomo II).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
